



A Casa da Madrinha

Lygia Bojunga

Um livro maravilhoso

Em 1982, a gaúcha Lygia Bojunga Nunes ganhou lá na Inglaterra o Prêmio Hans Christian Andersen, que geralmente é considerado o Prêmio Nobel da literatura infantil, ou seja, o mais importante reconhecimento internacional para quem escreve para crianças e jovens.

Muita gente se surpreendeu: uma brasileira? A melhor do mundo? Eu não me espantei nada, sempre achei que ela ia ganhar esse prêmio um dia, porque tinha certeza de que os livros que Lygia tinha escrito eram maravilhosos, dignos mesmos de estar lado a lado com os maiores, no alto do pódio. E olhe que, nesse tempo, ela só tinha publicado poucos títulos — como este que você vai ler agora.

Assim que você virar a página e começar a ler essa história, vai entender porque eu tinha tanta certeza, e porque um júri de especialistas do mundo inteiro, em que não havia nenhum brasileiro, tratou de decretar que a vencedora era ela. Você vai concordar. Vai se deixar arrebatado pelo Alexandre em todas as suas andanças, procurando a casa da madrinha, vencendo atrasos e enfrentando dificuldades, desabotoando idéias e pensamentos. Muita gente já elogiou a profundidade dos problemas de que Lygia Bojunga trata assim de leve, como quem não quer nada: a solidariedade dela pela infância carente, a crítica que faz aos defeitos das escolas. E muita, muita coisa mais. Tudo elogio merecido.

O que mais me apaixona nos livros dela, porém, está na maneira de escrever. No jeito que ela usa a linguagem. Claro que é a mesma língua que a gente emprega todo dia, mas Lygia a transfigura, ilumina com um colorido diferente — e fica igualzinho ao que a gente pensa, não ao que a maioria das pessoas escreve. Pode parecer fácil, mas é uma das coisas mais difíceis que existem. E o resultado é incrível: fica tão bonito!

Ana Maria Machado

Lygia Bojunga (a autora) nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, mas mudou-se ainda criança para o Rio de Janeiro. Iniciou sua vida profissional como atriz. Depois escreveu para o rádio e para a televisão, mas a paixão pelos livros falou mais alto e ela acabou por dedicar-se inteiramente a escrevê-los. Seus livros infanto-juvenis são premiados no Brasil e internacionalmente, e já foram publicados em dezoito idiomas. Lygia atualmente vive na Inglaterra, mas vem ao Brasil com freqüência.

A casa da madrinha

Para Peter e Regina Yolanda

Alexandre resolveu fazer mais barulho: sacudiu a caixa de sorvete (só que em vez de gelo e sorvete, a caixa tinha colher, garfo e faca; e tinha também um toco de lápis, um livro de história, uma caneca e uma panela). Gritou de novo:

— Atenção, atenção! Vocês já viram um pavão? Aposto que não. Ainda mais um pavão como o meu: ele fala, ele dança, ele sabe fazer mágica, ele é genial!

O pessoal que tinha juntado em volta olhava pra cá, pra lá, não via pavão nenhum, um garoto perguntou:

— Mas cadê?

Alexandre fez cara de mistério:

— Eu já disse: ele é mágico, aparece no ar de repente.

— Quando cisma?

— Quando eu grito "já!". — E sacudiu outra vez a caixa, querendo atrair mais gente. — Atenção, atenção, vocês já viram um pavão?

Vera vinha vindo lá na estrada. Ouviu o barulho, viu o ajuntamento debaixo da mangueira, veio vindo, veio vindo, escutou Alexandre falando:

— Eu não cobro preço certo pra mostrar o "show" do pavão: meu chapéu tá aí mesmo; cada um dá o que pede.

O pessoal olhou o chapéu. De lona. Bem velho. No chão.

Alexandre ficou esperando. Tudo quanto é criança fuçou o bolso. Uma deu uma nota, outra deu duas, outra só deu umas moedas, teve uma que perguntou:

— Dá pra pagar com cocada?

Deu. Aí todo o mundo se animou. Um garoto deu duas bananas da dúzia que ia levando pra casa; um outro deu uma bala, achou pouco, voltou e deu mais outra; uma menina correu pra um matinho ali perto, juntou um monte de flores e botou junto do chapéu.

Vera vinha vindo.

O pessoal grande — tinha uns quatro ou cinco — também estava louco pra ver o “show”. Era a primeira vez que aparecia um pavão lá na roça; diziam que era o bicho mais bonito de ver. Mas ninguém se mexeu. Um sujeito de camisa remendada perguntou:

— E se a gente paga e depois o pavão não é bonito assim que nem dizem?

E uma mulher que tinha um bruto dente de ouro quis saber:

— E se ele não faz mágica? E se ele não dança?

O sujeito resolveu:

— Dinheiro anda difícil de arranjar, garoto; a gente só pode gastar com coisa muito cem por cento. Primeiro o pavão aparece e faz tudo que sabe fazer, depois a gente paga.

O resto do pessoal grande gostou da idéia:

— Isso mesmo.

Alexandre não gostou, já conhecia aquela história: o “show” acabava, eles iam saindo como quem está chegando, ficava tudo por isso mesmo. Fez cara feia:

— Não tô tapeando ninguém, o que eu disse que o Pavão faz ele faz mesmo.

— Vamos ver. — E cruzaram os braços assim como quem diz: falei tá falado. As crianças se olharam de rabo de olho: "era pra fazer que nem o pessoal grande? mas o pagamento já estava no chapéu, ficava chato tirar, não ficava? e agora?"

Alexandre achou melhor começar de uma vez. Sacudiu a caixa com força e berrou:

— Já!

Vera chegou. E o Pavão — que estava escondido num galho bem alto da mangueira — armou um pulo lindo, e veio gritando no pulo, e abrindo a plumagem toda, e foi só bater no chão que acabou de abrir as penas e parou fazendo pose. Tão bonito que todo o mundo levou um susto.

Ninguém se mexia. Tudo de olho arregalado pro Pavão. Uma mulher suspirou.

Fizeram "psiu! psiu!". A mulher, coitada, que tinha enchido o peito pra outro suspiro, mais que depressa tapou a boca, e ficou dura — peito estufado, bochecha também —, toda vermelha com a força que fazia pro suspiro não sair.

E o Pavão também parado. Só se mostrando e mais nada.

Quando Alexandre viu que o susto ia passando, começou a mostrar tudo quanto é cor que o Pavão tinha. Alisava as penas devagar, dizendo que elas eram que nem seda. Seda era coisa que quase ninguém por ali conhecia. Uma menina perguntou:

— Posso alisar pra ver como é que é?

Claro que podia. A menina chegou perto, mas de repente deu medo:

— Ele morde?

E foi o Pavão mesmo que respondeu:

— Eu tenho que achar a Gata da Capa.

O pessoal ficou assim meio parado, pensando que resposta tão esquisita era aquela. Mais que depressa Alexandre falou:

— Não morde, não bica, nem nada. Pode fazer festa à vontade.

A menina fez. E aí todo o mundo resolveu ver também como é que era seda. Só Vera não se mexeu. Ficou olhando Alexandre, com uma vontade danada de saber quem é que ele era. Ela conhecia a turma toda do lugar: a cidade era muito pequena — cidade do interior só com três ruas calçadas, o resto era estrada, campo, sítio onde plantavam flor. Todo dia ela passava ali na estrada, indo e vindo da escola, via sempre a mesma gente, nunca tinha visto Alexandre, o jeito dele era tão diferente!

O pessoal voltou pro lugar e o Pavão tomou posição pra dançar. Alexandre começou a cantar baixinho um samba preguiçoso à beça, que não tinha pressa nenhuma de chegar ao fim. O que Alexandre queria mesmo era um rádio, uma vitrola, um som qualquer pra tocar, mas como ele não tinha nada, tinha mesmo que cantar: sem música o Pavão não podia dançar.

E o Pavão dançou. Gingando pra cá, pra lá. E ao mesmo tempo que gingava, abria as penas do lado de lá, e de cá, e de lá outra vez (assim que nem a gente abre metade de um leque).

Alexandre foi cantando mais alto e mais depressa um pouco. Volta e meia dava uma paradinha na música, e nessa hora o Pavão também parava (com um balanço de corpo gostoso mesmo da gente olhar) e abria a plumagem inteirinha. Alexandre ficava assobiando a música pra dar tempo de tudo quanto é pena abrir e fechar, e depois cantava de novo, mais alto ainda. Com outro balanço de corpo — gostoso mesmo da

gente imitar — o Pavão começava outra vez a dançar, gingando pra cá e pra lá. O pessoal começou a cantar também. E com todo o mundo cantando, o samba foi esquentando, foi esquecendo a preguiça, deu pra andar mais depressa, foi andando, foi correndo, correndo cada vez mais, e o Pavão balançando e gingando, também cada vez mais depressa, gingando pra cá e pra lá, gingando e parando, a cauda arrastando, abrindo e fechando, abrindo e fechando, as cores das penas passando no ar, passando e sumindo, passando e sumindo, passando...

— Acabou! — Alexandre gritou.

A turma desatou abater palma, tinha sido bonito à beça de olhar. E o Pavão, que tinha ficado exausto, aproveitou pra descansar.

O pensamento de Vera só rodava em torno da mesma coisa: assim que o “show” acabar eu vou falar com esse garoto pra ver quem é que ele é.

Alexandre foi pro meio da roda e anunciou:

— Agora a segunda parte.

— Quantas partes vai ter? — uma menina perguntou.

— Três. A segunda parte é uma mágica. Vou tapar o olho do Pavão com esse lenço. Um de vocês vem aqui, puxa uma pena dele e volta pro lugar. Depois, só de olhar bem na cara de cada um, o Pavão vai descobrir quem é que deu o puxão.

A turma apertou a roda: fazer mágica ainda era mais difícil que dançar.

Alexandre chamou a mulher do suspiro que ficou preso mas que acabou saindo:

— A senhora aí! Quer fazer o favor de vir amarrar o lenço pra ninguém ficar pensando que eu deixei uma frestinha!

A mulher deu um bruto apertão no lenço; o Pavão gemeu baixinho. Todo o mundo ficou satisfeito: depois de um apertão assim não dava pra ninguém enxergar mais nada.

— Quem é que vem puxar a pena?

Vera levantou a mão e correu (só pra chegar pertinho de Alexandre). Puxou uma pena com muito cuidado e voltou pro lugar.

Alexandre desamarrou o lenço e o Pavão começou a olhar bem na cara de cada um, meio que fechando o olho, assim como quem está pensando com força.

— Todo o mundo sério pra ele não desconfiar de nada! — Alexandre ordenou. E pra ver mesmo se a turma ficava séria ia pra perto de cada um que o Pavão olhava.

Foi só o pessoal resolver ficar sério que deu uma vontade danada de rir, e era um tal de espremer gargalhada que não acabava mais.

— Você! — gritou o Pavão de repente pra Vera.

O pessoal começou a querer a saber como é que ele tinha acertado. Mas Alexandre não deu tempo de ninguém querer saber muita coisa; foi pro meio da roda e anunciou:

— E agora o Pavão vai dizer um verso de despedida.

Aí o Pavão começou a falar umas coisas que ninguém entendia. Um garoto reclamou:

— Que barulho esquisito que ele fala.

Alexandre explicou que língua de pavão era assim mesmo; a gente precisava prestar muita atenção. Prestaram. Mas não adiantou: ninguém entendeu nada. Assim que o verso acabou Vera perguntou pro Pavão:

— Como é que chama a língua que você fala?

— Alguém viu a Gata da Capa por aí?

Alexandre cutucou o Pavão:

— Responde direito. Presta atenção.

O Pavão ficou olhando pra Vera com cara de quem está prestando a maior atenção. Ela repetiu a pergunta. Ele gemeu. Gemido cansado, fraquinho.

Alexandre achou melhor responder pelo Pavão.

— Ele fala uma língua chamada dru.

— Como é?

— Dru. — E gritou: — Atenção, atenção! Agora o Pavão vai se despedir na língua que a gente fala. Bem alto, Pavão, bem alto.

O Pavão arregalou o olho, anunciou:

— O verso da despedida. — E recitou assim:

As palmas que ganhei com a representação

Enchem de alegria meu coração

Mas se o distinto público quer

mostrar sua apreciação

Jogue mais um dinheirinho no chão

(Suspirou tremidinho)

É o que pede o seu fiel amigo

Pavão.

O pessoal adorou! Língua da gente era mesmo outra coisa. Como ele tinha

falado certinho, tudo tão acabando em “ão”. Bateram palma com força e jogaram o dinheiro no chão. Nem repararam que o Pavão balançava de um lado pra outro parecendo meio, tonto.

As crianças pediram bis da dança. E tanto pediram que Alexandre não teve remédio: sacudiu o Pavão, explicou baixinho que eles iam cantar e dançar de novo, o Pavão se endireitou, ficou ainda mais de olho arregalado e começou a dançar outra vez. Alexandre cantou bem alto, todo o mundo cantou junto, foi um sucesso de novo, mas aí o pessoal ficou com medo do Pavão pedir mais dinheiro e foi tratando de ir embora.

O Pavão parecia ainda mais tonto. Balançou pra cá, pra lá, fechou o olho, apagou.

Alexandre nem esperou a turma sumir pra catar o dinheiro no chão. Desembrulhou a cocada, comeu de uma vez só. As balas nem mastigou: engoliu. Descascou correndo as bananas, comeu uma atrás da outra. Se virou pra ver se encontrava mais coisa no chão, tomou um susto danado:

— Ué, não tinha visto você.

Vera estava quieta olhando pra ele; pegou a merenda e estendeu:

— Não comi no recreio. Ontem chupei muita manga e meu estômago ficou ruim.

Quer?

Alexandre fez que sim. Abriu o guardanapo que embrulhava um sanduíche de queijo e uns bolinhos de milho. Se encostou na mangueira e foi comendo. Testa franzida. O olho examinando a estrada, a plantação de flor, o capinzal, o rio.

Apontou com o sanduíche:

— O que é que tem depois daquela cerca?

— Onde?

— Lá. Depois de tudo que a gente vê daqui.

— Não sei. Eu só conheço até acerca.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Que você nunca foi até lá?

— Pra quê?

— Pra ver o que é que tem do lado de lá.

— Disseram que é melhor a gente não ir.

— Quem disse?

— Todo o mundo.

— Por quê?

— Sei lá. Acho que o pessoal do outro lado não quer.

— Por isso que eles botaram aquela cerca tão alta?

— Parece que é. Onde é que você mora?

— No Rio, e você?

— De Janeiro?!

— É. Moro em Copacabana. Mas fim de semana eu passo em Ipanema.

Vera ficou olhando espantada pra ele. É claro que ela tinha visto logo que ele não era do lugar, mas nunca tinha imaginado que ele era garoto de Copacabana. Alexandre olhou pra ela:

— Conhece Copacabana?

— Não. Mas minha prima foi pra lá. Ela morava aqui na roça, o pai dela também plantava flor que nem o meu.

— Que flor que ele planta?

— Cravo, zínia, agapanto e margarida, conhece?

— Não.

— Depois eu mostro. Mas aí o pai dela vendeu o sítio e foi pra lá. Mora na rua Siqueira Campos, perto de um túnel, conhece?

— Conheço.

— Pois é. E aí ela me escreveu dizendo que tudo quanto é colega lá da escola dela nunca viu nem coelho, nem tatu e muito menos uma paca, já pensou? Disse que o garoto que senta do lado dela nunca viu nem uma galinha. Só assada na mesa já pronta pra comer. E que ele nunca tinha pensado que antes a galinha andava e até voava. E porco também eles nunca viram.

— Lá onde eu moro tem porco.

— Em Copacabana?

— É.

— Mas tem?

— Tem uns lugares que tem, sim.

— E tatu, coelho e paca, também tem?

— Isso eu nunca vi. Aqui tem?

— Assim. Depois eu mostro.

— E você onde é que mora?

Vera apontou uma plantação de flor:

— A casa é no fundo. Tem um quintal superlegal: vai até o rio.

— E o rio também é teu?

— Não, é dele mesmo.

Alexandre riu. Vera não tinha falado pra fazer graça: encabulou; ficou olhando uma formiga no chão. "Será que esse pessoal que nunca viu tatu nem coelho nem galinha viva é assim que nem eu? pensa igual a mim?" Espiou Alexandre de rabo de olho. Ele era mais queimado do que ela, mais alto, falava mais gostoso, tinha roupa velha e pé no chão. Mas no resto não estava parecendo assim tão diferente, não. "Bom, mas ele não é que nem os colegas da minha prima: tem um porco lá onde ele mora."

Alexandre sentou no chão com um suspiro:

— Agora o Pavão vai dormir até não poder mais. E eu vou ter que ficar tomando conta dele.

— Por quê?

— Ué, se roubam meu pavão tô desgraçado: não tem mais "show", não ganho mais, como é que eu vou comer?

— Ele mora com você lá em Copacabana?

— Não. Encontrei com ele na viagem.

— Que viagem?

— Eu tô viajando, tô indo pra casa da minha madrinha.

Vera desanimou: "tá indo? só tá de passagem? não vai ficar?" Sentou também:

— Ela mora longe?

— Acho que ainda tem muito caminho. O Augusto falou que eu tinha que ir andando toda a vida. O Augusto é o meu irmão, sabe?

Ele agora tá trabalhando numa fábrica lá em São Paulo.

— E já tem muito tempo que você tá viajando?

— Bom, eu saí... deixa eu ver... eu sei que era um domingo, mas... puxa, sabe que eu já nem tô mais lembrando quando é que eu saí?... Pera aí... eu sei que era um domingo; eu até queria sair cedo, mas acabei saindo só de tarde porque domingo a praia de Ipanema enche, fica bom mesmo da gente trabalhar. Quer dizer, ficava: no tempo que a turma do descanso era muito maior que a turma da viração.

— Que turma é essa?

— É o pessoal que vende coisa na praia.

— Vende o quê?

— Tudo. Antes era só biscoito, sorvete, bebida. Mas aí a turma da viração foi

aumentando, aumentando, e deram pra vender tudo: barraca, livro, cadeira, toalha, jornal, enxugador de roupa, tapete...

— Você vendia o quê?

— Comecei vendendo biscoito, eu era muito pequeno, tinha que carregar coisa leve. Cresci um pouco e passei pra amendoim. Já pesava mais pra carregar aquela lata com fogareiro. Tirou o fogareiro, já viu: amendoim frio ninguém compra. Cresci mais e passei pra sorvete. Aí só compravam se tava bem frio. E sabe como é que é, não é? andando na areia, com aquele calor desgraçado, a gente tem que carregar um bocado de gelo na caixa pro sorvete ficar sempre gelado. Um peso que eu vou te contar. Mas agora tem tanta gente vendendo sorvete que eu ando cinco, seis vezes a praia todinha e não vendo quase nada. Primeiro era mais Copacabana que tinha esse monte de viração. Aí eu dei pra passar fim de semana em Ipanema. Mas Ipanema também entupiu. E então eu disse lá em casa: a vida na praia tá muito apertada, acho que vou viajar. Mas aí era domingo, e falaram: "domingo de sol, a praia tá cheia, vai trabalhar." Eu fui. Mas só de despedida. Porque eu já tinha resolvido que ia mesmo viajar. Até que eu dei sorte, sabe? Vendi quase tudo que levei. Sobrou só uns dois ou três que eu comi. Pedi pra um colega levar o dinheiro pro patrão dizendo que eu mandava um abraço de despedida, a caixa era do Augusto e então eu fiquei com ela pra servir de mala, passei lá em casa pra dar tchau pro pessoal, e com tudo despedido me mandei. Deviam ser umas três e meia.

— E o teu pessoal não se importou?

— Não. Eu disse que ia visitar a minha madrinha; eles falaram "até que enfim você dá bola pra ela".

— Foi difícil de chegar até aqui?

— Bom, eu andei pra burro. Depois peguei carona num caminhão que ia levando uns cavalos pra uma fazenda. Tava lotado. Tive que viajar montado num cavalo preto. Foi legal. Só de noite é que foi ruim: cavalo dorme bem em pé, mas gente dorme mal montada. Depois da fazenda o caminhão voltou e eu tive que andar de novo. Andei umas quatro horas assim, ó: parecia que nunca mais ia dar pé fechar as pernas. Mas acabou dando. Aí foi ficando tudo ruim. Ninguém me dava mais carona, o tempo mudou, o sol sumiu, fui ficando tão cansado que já não me agüentava mais de pé.

— Por que é que você não parou pra descansar?

— Pois é. Então eu parei.

Parou, olhou a mata ali do lado, viu um toco bom pra sentar e sentou. E uns cinco minutos depois o nevoeiro chegou. Era um nevoeiro maroto, que adorava meter

medo. De longe ele viu Alexandre sentado e veio vindo por trás sem fazer barulho nenhum. A névoa era que nem fumaça grossa: era só ela passar que ia tudo sumindo.

O nevoeiro rodeou Alexandre, sumiu mato, sumiu estrada, até o toco sumiu, Alexandre levantou, quis fugir, tropeçou, parou, desistiu; e o nevoeiro, crente que Alexandre estava morrendo de medo, foi em frente, foi s'embora, e aonde ele ia indo ia tudo sumindo.

Mas Alexandre não ligou. Lembrou que uma vez ele estava vendendo sorvete na praia e, de repente, baixou um nevoeiro danado. Todo o mundo ficou parado sem enxergar coisa nenhuma. Mas depois o sol fez um rasgão na névoa, entrou, e foi empurrando o nevoeiro embora, empurrando, até ficar tudo azul outra vez.

Alexandre achou que ia acontecer a mesma coisa, e esperou. Esperou. Esperou. Experimentou andar.

— Ui.

— Desculpa o esbarrão, não tô enxergando nada.

— Quem tá aí?

— Alexandre. E aí?

— O Pavão.

Foi assim que os dois se encontraram.

Alexandre já tinha ouvido falar em pavão. Ficou louco pra ver como é que era. Mas quem diz que o nevoeiro passava? Puxou conversa:

— É mesmo verdade que pavão é um bicho bonito toda a vida?

O Pavão não disse nada. Alexandre achou que ele não tinha escutado e perguntou de novo. O Pavão continuou mudo.

— Ei! Você tá aí?

O Pavão falou:

— Ei.

Ficou parecendo que o Pavão era meio surdo, e então Alexandre berrou:

— Você é bonito que nem dizem?

Passou um tempão. Depois o Pavão respondeu:

— Muito. Muito bonito.

Alexandre perguntou se ele também morava no Rio. O Pavão levou um tempo enorme pra compreender direito a pergunta e dizer que não tinha casa certa. Aí Alexandre contou que estava indo pra casa da madrinha, contou da carona, do cavalo, de tudo, e depois quis saber:

— E você, pra onde é que tá indo?

— Indo?

— É.

Silêncio. Alexandre começou a ficar meio chateado: bicho esquisito que era pavão. Perguntou outra vez. O Pavão suspirou tremidinho, gemeu, andou, tropeçou, suspirou de novo, gemeu mais um pouco, e afinal acabou respondendo:

— Tô indo. Mas não sei pra onde é que eu tô indo.

— Não sabe?

— Tô indo. Mas não sei pra onde é que eu tô indo.

E aí pronto: empacou naquilo. Alexandre ainda fez umas perguntas, mas o Pavão nem esperava ele acabar de falar:

— Tô indo. Mas não sei pra onde é que eu tô indo.

A chateação de Alexandre aumentou: "Acho que esse cara fundiu a cuca."

Ele não era um garoto de ter medo à toa-à toa, mas é melhor deixar pros outros essa história de ficar sozinho com um sujeito biruta no meio de um nevoeiro tão forte. Resolveu:

— Bom, já que o nevoeiro não passa eu vou indo embora assim mesmo. Tchau, viu?

Mais que depressa o Pavão respondeu:

— Tô indo. Mas não sei pra onde é que eu tô indo.

Alexandre se mandou. Aos tropeções. Tateando. Uma topada atrás da outra. Sem nenhuma idéia pra onde é que estava indo. Mas sozinho ali com aquele cara ele não ficava. De jeito nenhum.

Lá pelas tantas sentiu que tinha alguém atrás dele. O coração bateu forte.

— Quem é que tá aí?

— Tô indo. Mas não sei pra onde é que tô indo.

Pronto! Apressou o passo. O Pavão atrás. Desatou a correr. Mesmo sem ver nada, corria. Esbarrando em cada árvore. Se machucando. A caixa de sorvete caiu. Ele ouviu o barulho da caneca, da colher, das coisas se espalhando, mas nem parou, de tanto que queria se livrar do Pavão. E o Pavão sempre atrás.

De repente, que nem aquele dia na praia, o sol começou a abrir a névoa. Alexandre viu céu, nuvem, galho de árvore, parou: queria fugir do Pavão, mas também queria ver como é que ele era.

Num instantinho o sol fez uma limpeza; não sobrou nevoeiro nenhum. O Pavão

gritou de contente e abriu as penas todas. Alexandre se virou com o grito. Ficou bobo.

Eu fiquei bobo. Já tinha visto muita coisa bonita. Lá da minha casa a gente tem uma vista espetacular; no Leme tem uma garota que vai sempre à praia com o cabelo amarrado assim e que é um troço da gente olhar; e fora disso, você sabe como é que é, não é? Quando a gente viaja vê muita coisa legal. Nessa viagem já vi navio grande e pequeno, trem passando, já vi até caminhão carregando vinte carros nas costas. Eu sei que eram vinte porque eu contei. Mas uma coisa bonita assim com tanta, cor e tão rica feito o Pavão eu nunca tinha visto, nunca! E aí aconteceu uma coisa que depois eu fiquei até pensando como é que pode: quando eu comecei a andar de novo e vi que o Pavão vinha atrás de mim, não me importei mais. Gozado, não é? Pois é. Achei que era legal ir andando pela estrada com uma coisa bonita assim pra toda hora poder olhar. Só que eu achei melhor não puxar mais conversa.

— E ele também não falou mais?

— Não. A gente andou o resto do dia, comeu tudo que eu ainda tinha na caixa...

— Você voltou pra pegar a caixa?

— Então ia deixar lá? De noite fez lua cheia. A noite clareou tanto que a gente até procurou uma sombra de árvore pra dormir. Quando foi de manhã eu dei bom-dia pro Pavão, ele pensou muito e depois disse "bom dia", e então eu perguntei se ele tinha dormido bem, e ele pensou pra burro e depois me perguntou se eu tinha dormido bem, e aí eu perguntei "então, vamos continuar a viagem?", e ele me perguntou "vamos continuar a viagem?", e como ele só fazia era repetir tudo que eu dizia, eu acabei não perguntando mais nada, fui andando, viajando, e já era no dia seguinte quando, de repente, aconteceu uma coisa tão esquisita, tão que eu não esperava, que eu quase caí pra trás.

De repente, assim sem mais nem menos, o Pavão parou na estrada, ficou com um ar muito inteligente, chamou Alexandre:

— Psiu.

E foi só Alexandre chegar perto que o Pavão desatou a contar a vida dele. Mas contava gostoso, falando e rindo normal, jogando as penas pra cá e pra lá na hora de fazer gesto, o olho brilhando, estava todo diferente, parecia um outro bicho.

Alexandre ficou entusiasmado com o jeito novo do Pavão. Toda hora se metia na história pra perguntar: "é mesmo? e isso? e aquilo?" E o Pavão respondia logo, não gastava nem um minutinho pra pensar. Contou coisa à beça. Contou coisa gozada, contou coisa de arrepiar. E aí eles foram enturmado, e quanto mais iam enturmado, mas o papo ia melhorando. Até que lá pelas tantas Alexandre perguntou:

— Mas escuta, Pavão, falaram pra você ir andando toda a vida?

— Falaram pra você ir andando toda a vida?

— Pois é: falaram?

— Pois é: falaram?

— Não, cara! Eu é que tô te perguntando.

— Eu é que tô te perguntando.

Alexandre desanimou:

— Pronto!

O Pavão foi perdendo o brilho do olho, repetiu baixinho "pronto". Foi ficando quieto, cada vez mais quieto.

Aí Alexandre viu que, sem mais nem menos de novo, o Pavão tinha deixado de pensar normal, de falar normal, de mexer...

— Mas pera aí! — Vera resolveu interromper. — O Pavão é maluco?

— Maluco? Que o quê! De maluco é que ele não tem nada.

— Mas então o que é que ele tem?

— É que ele só pensa pingado.

— Ele o quê?

— Ele só pensa umas gotinhas por dia. Atrasaram o pensamento dele.

— Ah, deixa de história.

— Não é brincadeira, não.

— Sério?

— Sério.

— Mas fizeram de propósito?

— Foi.

— E como é que se atrasa pensamento?

— Diz que tem uma porção de jeitos.

— Mas atrasaram no duro?

— É, sim. Antes ele pensava normal e curtia a vida que só você vendo.

— E por que é que fizeram isso?

— Ele nasceu bonito demais.

— Ué, e daí?

— Daí que ele era tão bonito, tão ainda mais bonito do que tudo que era pavão, que vinha gente de todo canto pra ver. Vinha até professor de bicho: esses caras que passam a vida estudando a vida dos bichos, sabe?, os cobras.

— Sei.

— Eles ouviam falar do Pavão e vinham ver ele de perto. Ficavam de boca aberta. E diziam: "As penas deste pavão são penas raras." Foi aí que os donos do Pavão se juntaram e um, falou: "Se vem gente de tão longe pra olhar, se vem até professor, é melhor a gente cobrar entrada." O outro vibrou: "Pois claro! Por que que o Pavão vai se mostrar de graça?" E aí o outro perguntou: "Mas será que o Pavão vai topa?" E então o outro...

— Mas quantos donos o Pavão tinha?

— Cinco.

— Puxa! Por quê?

— O quê?

— Tanto dono.

— Bom, antes de fazer sucesso ele não tinha dono nenhum. Mas foi só começar aquela história de todo o mundo querer ver a beleza do Pavão que apareceram logo cinco donos: um disse que o Pavão tinha nascido no jardim dele e então era dele; o vizinho disse que ele é que dava comida pro Pavão e então o Pavão era dele; uma mulher disse que ela é que tinha dado o Pavão pro dono do jardim e que então ela era a primeira dona: uma outra disse: "História! A mãe do Pavão era minha; se eu era dona da mãe sou dona dos filhos também."; e aí o quinto dono resolveu: "O Pavão não tem nada que topa ou não topa esse negócio da gente cobrar entrada; a gente é que é dono, a gente é que resolve, pronto!" E os outros quatro também disseram: "Pronto!"

— E o Pavão topou?

— Topou nada! Ficou danado da vida de ver aparecer tanto dono de repente. E quando viu que queriam prender ele num jardimzinho à-toa pra se exibir o tempo todo, ainda ficou mais zangado. Logo ele que vivia pensando em viajar, um dia pegar um navio e atravessar o mar todinho. Falou: "Não topo mesmo." Então prenderam ele pela pata. Mas ele se soltou. Prenderam ele pelo pescoço. Ele se soltou. Prenderam ele pelas penas com uma corda grossa assim. Ele deu um puxão, deixou uma porção de penas na corda e foi andando pro porto pra ver se encontrava um navio. Aí perderam a paciência e resolveram: "Vamos acabar de uma vez com a mania desse cara se soltar." E então levaram o Pavão pra uma escola que tinha lá perto e que era uma escola feita de propósito pra atrasar o pensamento dos alunos.

A escola pra onde levaram o Pavão se chamava Escola Osarta do Pensamento. Bolaram o nome da escola pra não dar muito na vista. Mas quem estava interessado no

assunto percebia logo: era só ler Osarta de trás pra frente.

A Osarta tinha três cursos: o Curso Papo, o Curso Linha, e o Curso Filtro.

O Curso Papo era isso mesmo: papo. Batiam papo que só vendo. O Pavão até que gostou; naquele tempo o pensamento dele era normal, ele gostava de conversar, de ficar sabendo o que é que os outros achavam, de achar também uma porção de coisas. Só tinha um problema: ele não podia achar nada; tinha que ficar quieto escutando o pessoal falar. Se abria o bico ia de castigo; se pedia pra ir lá fora ia de castigo; se cochilava (o pessoal falava tanto que dava sono), acordavam ele correndo pra ele ir de castigo.

O Pavão então resolveu toda hora abrir o bico, ir lá fora, cochilar — só pra ficar de castigo e não ouvir mais o pessoal falar. Não adiantou nada, deram pra falar na hora do castigo também. E ainda por cima falavam dobrado.

O Pavão era um bicho calmo, tranqüilo. Mas com aquele papo todo dia o dia todo a todo instante, deu pra ir ficando apavorado. Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado, o coração pra outro. Pegou tique nervoso: suspirava tremidinho, a toda hora sacudia a última pena do lado esquerdo, cada três quartos de hora sacudia a penúltima do lado direito.

O Curso Papo era pra isso mesmo: pro aluno ficar com medo de tudo. O pessoal do Osarta sabia que quanto mais apavorado o aluno ia ficando, mais o pensamento dele ia atrasando. E então eles martelavam o dia inteiro no ouvido do Pavão:

— Não sai aqui do Curso. Você saindo, você escorrega, você cai, cuidado, hem? cuidado. Olha, olha, você tá escorregando, tá caindo, não disse?! Você vai ficar a vida toda pertinho dos teus donos, viu? Não fica nunca sozinho. Ficar sozinho é perigoso: você pensa que tá sozinho mas não está: tem fantasma em volta. Olha o bicho-papão. Cuidado com a noite. A noite é preta, cuidado.

Inventavam coisas horríveis pra contar da noite. E diziam que se o Pavão não fizesse tudo que os donos dele queriam, ele ia ter brotoeja, dores de barriga horrorosas, era até capaz de morrer assado numa fogueira bem grande.

O Pavão cada vez se apavorava mais. Lá pro meio do curso ele pegou um jeito esquisito de andar: experimentava cada passo que dava, pra ver se não escorregava, se não caía, se não tinha brotoeja, se não acabava na fogueira. E na hora de falar também achava que a fala ia cair, escorregar, trancava o bico, o melhor era nem falar. E então as notas dele começaram a melhorar.

No princípio do curso o Pavão só tirava zero, um, dois no máximo. Mas com o

medo aumentando, as notas foram melhorando: três, quatro, cinco; e teve um dia que o Pavão teve tanto medo de tanta coisa que acabou ganhando até um sete. (Nota dez era só pra quando o aluno ficava com medo de pensar. Aí o curso estava completo, davam diploma e tudo.) No dia que o Pavão ganhou nota sete, de noite ele sonhou. Um sonho muito bem sonhado, todo em amarelo, azul e verde-alface. Sonhou que o pessoal do Curso Papo falava, falava, falava e ele não escutava mais nada: tinha ficado surdo. Acordou e pensou: taí, o jeito é esse. Foi pra aula. Estavam encerando o corredor da escola. Pegou um punhado de cera e, com um jeito bem disfarçado, tapou o ouvido. Daí pra frente o Pavão ficava muito sério olhando o pessoal do Curso falando, falando, e ele — que bom! — sem poder escutar.

Fizeram tudo. Falaram tanto que ficaram roucos. Um deles chegou até a perder a voz. Mas não adiantava: o medo do Pavão não aumentava; não se espalhava; tinha empacado na nota sete e pronto. Resolveram então levar o Pavão pro Curso Linha.

E o Pavão foi. Com um medo danado de cair. Examinando a perna toda hora, pra ver se uma coceirinha que ele estava sentindo já era a tal brotoeja.

Suspirando tremidinho. Sacudindo a última pena, e a penúltima também. Mas fora disso — normal.

O pessoal da Osarta tinha ouvido falar numa operação que fizeram num galo de briga: costuraram o pensamento dele, só deixaram de fora o pedacinho que pensava o que os donos do galo achavam legal; o resto todo sumiu dentro da costura. A operação deu certo, muita gente falou naquilo, e então o pessoal da Osarta chamou os donos do galo pra darem um curso na escola. O curso ficou se chamando Curso Linha.

Os cinco donos do Pavão foram lá na Osarta resolver o que é que sumia e o que é que não sumia na costura do pensamento. Cada dono queria que o Pavão ficasse pensando uma porção de coisas pro resto da vida. Discutiram. Brigaram. Foi uma gritaria daquelas. O pessoal da Osarta se aborreceu:

— Assim não pode, assim dá confusão. Cada dono só tem direito de escolher um pensamento pro Pavão.

— Um só?!

— Um sim!

O Pavão estava na sala de espera, e com aquela gritaria ficou sabendo de tudo (é claro que já tinha se livrado da cera). Caiu na maior fossa quando viu que só ia poder pensar o que os outros queriam. Quase chorou. Só não chorou porque estava louco pra ouvir tudo e achou que chorando atrapalhava.

Os cinco donos discutiram três horas e meia e aí escolheram:

— O Pavão vai achar que a gente é o máximo.

— O Pavão não vai querer sair de perto da gente.

— O Pavão vai adorar se exibir.

— O Pavão não vai querer tostão do dinheiro que a gente vai ganhar com ele.

— O Pavão vai defender com unhas e dentes a beleza dele.

Aí brigaram de novo porque um disse que pavão não tinha dente, outro disse que pavão não tinha unha, outro disse que tinha, brigaram um tempão, e então o pessoal da Osarta mandou o dono do quinto pedido pedir de novo e ele pediu assim:

— O Pavão vai defender com bico e penas a beleza dele.

Aí ninguém achou que ele tinha falado errado e marcaram a operação pro dia seguinte. Mas na hora de escolher a cor da linha a briga começou outra vez. Um queria que costurassem o pensamento do Pavão, com uma linha cor-de-rosa, outro com uma linha azul, outro queria uma linha em dois tons, e enquanto eles brigavam o Pavão espiou pelo buraco da fechadura — só pra ver se a linha azul era mais bonita do que a cor-de-rosa.

O Pavão não dormiu. Passou a noite inteirinha fazendo ginástica. Um-dois, um-dois, um-dois. Uma ginástica meio esquisita: no um ele deixava a perna bem mole, bem à vontade; de repente — dois! — puxava a perna com toda a força. Repetia o exercício uma porção de vezes. Quando uma perna já estava bem treinada ele passava pra outra. Depois treinava o pé. Depois começou a treinar as penas. Aí ficou mais difícil, mas ele não desanimou. Escolhia uma pena, deixava ela bem solta, bem tranqüilinha, de repente dava um puxão (era um puxão difícil, um puxão de dentro pra fora, e se era bem dado a pena até quebrava). Depois treinou o bico, o olho, e foi subindo até chegar no pensamento. Porque o que ele queria mesmo era isso: dar um puxão no pensamento. Na hora que ele espiou pelo buraco da fechadura, ele viu que a linha que iam usar pra costurar o pensamento dele não era lá essas coisas: com um puxão mais forte ela rebentava. Então ficou treinando o tal puxão. Mas puxar pensamento é ainda mais difícil do que puxar pena. Ele fazia assim: (um) deixava o pensamento parado, quieto, sem pensar coisa nenhuma; de repente (dois!) pensava uma coisa com toda a força.

Treinou o puxão de pensamento até a hora da operação. E na hora não houve jeito de costurarem o pensamento do Pavão. Costuravam de um lado. Quando começavam a costurar do outro, o Pavão dava o tal puxão e pronto: a linha rebentava. Aí voltavam pra consertar o lado rebentado. O Pavão dava outro puxão e rebentava o lado

começado. Foram perdendo a paciência:

— Mas que linha ruim!

— Será que não é culpa da cor!

Trocavam de linha, trocavam de cor. Um-dois, um-dois, o Pavão puxava, a linha rebentava. Acabaram desistindo.

O Pavão ficou com uma porção de pedaços de linha pendurados lá dentro do pensamento dele. Às vezes, o pensamento se enredava nos fiapos, ficava preso, não conseguia passar, e aí o Pavão só ficava pensando a mesma coisa, só ficava pensando a mesma coisa, só ficava pensando a mesma coisa, só fi — até o pensamento desenredar. Mas fora disso, saiu do Curso Linha pensando normal.

O pessoal da Osarta suspirou:

— É caso pra filtro.

Era assim que eles suspiravam quando davam com um aluno de pensamento à prova de papo e de linha. E então levaram o Pavão pro Curso Filtro. Aí funcionou. Quer dizer, aí o Pavão ficou mesmo de pensamento bem atrasado.

A sala do Curso Filtro era cor-de-rosa e tinha cheiro de pasta de dente — bom mesmo da gente ficar ali.

Pegaram o Pavão e escovaram bastante as penas dele. Pra puxar o brilho. E pra mostrar como tratavam ele bem. O Pavão adorou.

Na mesma, no chão, nas paredes, em toda a parte tinha filtro. Grande, pequeno, de pé, de parede, de prateleira, de metal, de barro, de acrílico, tinha filtro bem antigo e tinha filtro bem pra frente. O Pavão ainda gostou mais do Curso: achou que tanto filtro só podia ser uma coleção pra brincar. Começou a examinar eles todos. Perguntaram: — Qual que você quer pra você?

O Pavão se espantou: "puxa vida, tudo tão bom e ainda por cima davam filtro?" Desconfiou.

— Mas pra que que vocês querem me dar um filtro?

— Pra filtrar teu pensamento; pro teu pensamento ficar bem limpinho.

O Pavão ficou pensando naquela idéia; achou meio furada.

— Gosta desse? — E mostraram um filtro desse tamanho. Uma graça de filtro. De barro. Com vela, tampa, tudo. Mas mínimo. E com uma torneirinha de metal supermínima. — Você tem uma cabeça pequenininha, precisa de um filtro pequenininho, não é? Gosta desse?

O Pavão respondeu distraído:

— Jóia.

Não deixaram ele falar mais nada. Seguraram ele com força, abriram a cabeça dele, botaram o filtro bem na entrada do pensamento, puxaram pra cá e pra lá ajeitando bem pra não entrar nenhuma idéia na cabeça do Pavão sem antes passar pelo filtro, e aí deixaram a torneira só um tiquinho aberta. Coisa à-toa, não dava pra quase nada.

Com a tal escovadela de penas o Pavão saiu da Osarta ainda mais bonito do que era antes. E ainda por cima cheirando a pasta de dente. Um barato.

Mas aconteceu uma coisa que ninguém podia esperar: a torneirinha do filtro veio com defeito de fábrica, não ficava regulada no mesmo lugar; às vezes ia indo, ia indo, e de repente abria toda (aí era um tal de passar pensamento na cabeça do Pavão que era uma maravilha); outras vezes ia indo pro outro lado e acabava fechando toda (nessas horas o Pavão apagava). Mas essas andanças da torneirinha eram só de vez em quando; a maior parte do tempo ela ficava mesmo na posição que tinha que ficar: só um tiquinho aberta — pro pensamento do Pavão pingar bem devagar e ir ficando cada vez mais atrasado.

Como ninguém podia ver o que é que acontecia lá dentro da cabeça do Pavão, ninguém ficou sabendo do defeito da torneirinha. Mas um dia, quando ela abriu toda, o Pavão desatou a pensar normal, a lembrar de tudo, e acabou compreendendo o que é que tinha acontecido. Foi bom mesmo. Mas durou pouco; quando o Pavão estava no melhor pensamento a torneirinha fechou de novo.

O Pavão ficou morando muito tempo lá no tal jardim. Passeava pra cá, pra lá, só se exibia e mais nada. Os donos treinavam ele:

— Anda assim. Abre as penas assim. Responde assim. Olha assim.

E ele andava. Abria. Respondia. Olhava. Porque essa era a vantagem do pensamento atrasado: o Pavão fazia direitinho, sem nunca parar pra pensar, tudo que os outros mandavam.

Até que um dia a torneirinha abriu toda de novo. E foi justo nesse dia que o Pavão encontrou um marinheiro muito famoso por aquelas bandas, chamado João das Mil e Uma Namoradas.

— Vera!

Vera estava tão dentro do papo com Alexandre que até pulou de susto quando ouviu a mãe gritando no portão;

— Já tá na hora do jantar, minha filha.

— Tô indo! — Olhou pro Alexandre. — Você não vai embora, vai?

— Essa noite eu durmo por aqui mesmo.

— Onde?

— Tem tanto capim gostoso pra deitar.

— Escuta — olhou pra mãe esperando no portão; levantou —, amanhã vocês vão almoçar lá em casa, viu? Você e o Pavão.

— Legal. Onde é que a gente se encontra?

— Aqui mesmo. Eu venho buscar você. E aí te mostro o quintal da minha casa, o rio, as flores que o meu pai planta e os desenhos que eu faço, tá?

— Tá.

— E olha, eu vou pedir à minha mãe (ela é legal, vai topa) pra você e o Pavão dormirem lá em casa também. Assim vocês descansam um bocadinho antes de continuar viajando. E aí a gente tem tempo de conversar bastante.

— Combinado.

— Então tchau.

No outro dia, quando Vera saiu de casa, ouviu Alexandre chamando. Correu pro rio; parou meio espantada:

— Eu ia buscar você agora.

Alexandre pulou fora d'água:

— A gente acordou cedo e eu achei melhor vir logo pra já ir conhecendo o sítio. Que curtição que é isso aqui, hem? Já conheci o teu pai também.

— Você encontrou com ele?

O Pavão foi pra frente de Vera, abriu a plumagem e ficou se, exibindo. Alexandre riu:

— Hoje é dia de folga, Pavão! você não precisa se mostrar, não precisa fazer nada; hoje a gente só vai brincar. O Pavão ficou olhando Alexandre com uma cara muito séria. Vera perguntou de novo:

— Você já encontrou com o meu pai, é?

— Já. Quando cheguei vi um cara plantando flor. Perguntei se, ele era teu pai. E aí me apresentei e apresentei o Pavão também.

— Hmm.

— Ele bateu um papo legal comigo, sabe? Legal mas pequeno; disse que tinha trabalho demais pra fazer. Então eu perguntei se podia vir tomar um banho e ele deixou.

— Sentou na beira do rio e suspirou fundo. — Puxa, esse rio é um barato.

Vera sentou junto de Alexandre, botou o pé dentro d'água.

— Tá calor, não é? — Ficou vendo o rio passar, abraçada com um embrulho que tinha trazido.

Alexandre olhou pra ela:

— Você hoje tá diferente.

— É que eu amarrei o cabelo assim.

— Ficou bonito. Mas você tá com cara de quem comeu e não gostou.

Ela botou o embrulho no chão e anunciou:

— Trouxe uma merenda pra vocês. — E quando abriu a toalha, Alexandre vibrou:

— Quanta comida!

Tinha laranja, banana, pão, broa, queijo e presunto. O Pavão veio pra perto; Alexandre esfarelou uma bisnaga inteira pra ele; botou presunto e queijo na broa, desatou a comer. Vera ficou um tempo quieta, depois perguntou:

— Como é que você fez aquela mágica de ontem?

— Eu sempre faço o “show” debaixo de uma árvore, pro Pavão ficar escondido lá em cima, e pra eu poder dizer que ele é mágico porque aparece no ar de repente.

— Não, eu tô falando da outra: como é que ele acertou que fui eu que dei um puxão nele?

— Ah, essa a gente tira de letra. Ele ficou de olho meio fechado pra fingir que tá pensando com força, mas o tempo todo ele tá me olhando. E eu firme. Sem piscar. Quando ele chega junto da pessoa que puxou, eu pisco: é o sinal combinado.

— E o verso? foi você que fez?

— Foi. Gostou?

— Legal.

— Até que deu trabalho fazer tudo acabando em “ão”. Mas saiu.

— Por que que precisava acabar tudo em “ão”?

— Pra combinar com pavão.

— Escuta, o tal dru é uma língua tão enrolada.

— É só barulho. Eu é que inventei que aquilo é língua de pavão. Pra ficar parecendo que o Pavão ainda é mais genial.

— Hmm. — Olhou pro Pavão. — Ele tem a cabeça meio desabada, não tem não?

— Tem. Acho que é o peso do filtro.

O Pavão comia com uma pressa danada. Vera ficou achando que não era só o pensamento dele que estava atrasado... Lembrou de outra coisa que queria perguntar:

— Ontem o Pavão foi ficando tão esquisito na hora do “show” acabar.

— Ele fica pra morrer de tão cansado.

— Por quê?

— Por causa do tal pensamento pingado. Você não imagina o trabalho que eu tive pra fazer esse “show” com ele. Quase fiquei maluco.

— Então por que que você fez?

— Bom, a gente tava viajando junto. A comida acabou. O dinheiro também. Aí eu pensei: quem sabe eu experimento cobrar entrada que nem os donos; do Pavão faziam? Experimentei. Fui pra um posto de gasolina, e quando chegava um carro eu mostrava o Pavão e dizia que nem o tal professor: "As penas deste pavão são penas raras; examinem, por favor." Examinavam. Mas dinheiro ninguém dava. E se eu pedia, eles falavam: "Que que há, garoto? quer ganhar sem fazer força?" Eu explicava que viajar com fome não dá pé, mas eles diziam: "Então volta pra casa, ué." E quando eu falava que a casa da minha madrinha era muito longe, eles achavam que o jeito era arranjar uma madrinha de casa mais perto. Às vezes me davam comida. Pouca. Pouca pra um, quanto mais pra dois. Vi a coisa ficando preta. Foi então que eu boleei o “show”. Eu sei que negócio de “show” todo o mundo gosta; e se gosta, paga. Mas que parada! Pra fazer a coisa direito, o Pavão tinha que pensar: agora tá na hora de fazer isso; agora tá na hora de fazer aquilo. Mas com o tal pensamento pingado, ele demorava tanto tempo pra pensar qualquer coisa, que só a mágica do puxão de pena levava cinco horas e meia. Agora me diz: você acha que o cara que tá botando gasolina no carro vai esperar cinco horas e meia pro Pavão adivinhar quem é que deu um puxão nele? Aí eu vi que o jeito era ficar repetindo toda a vida os troços que o Pavão tinha que fazer. Pra ver se ele decorava. Pra ver se ele fazia o “show” sem ter que pensar. Mas vou te contar, teve uma hora que eu até chorei: achei que ele ia morrer sem aprender. Puxa vida, esse negócio de pensamento atrasado não é mole. Mas mesmo depois que ele aprendeu, ele tem que fazer tanta força pra não errar nada que, quando o “show” acaba, ele tá supercansado, apaga logo. — Esfarelou mais pão pro Pavão. Comeu a laranja e a banana de testa franzida, pensando. — Mas vai ver ele apaga porque com esse negócio de pular, sambar e gingar, o filtro sacode demais e a torneira acaba fechando.

— Você faz “show” todo dia?

— A gente ganha tão pouco que se não faz todo dia não dá nem pra bisnaga.

O Pavão pulou de susto: tinha bicado uma minhoca (ele continuava se assustando à toa-à toa); procurou mais coisa pra comer; não achou. Alexandre levantou a

toalha, quem sabe tinha umas sobras? não tinha. Vera ficou boba de ver como é que a comida tinha sumido depressa. E os três ficaram olhando a toalha vazia.

De repente, o Pavão se endireitou, sacudiu a última pena do lado esquerdo e perguntou:

— Alguém viu a Gata da Capa por aí?

Vera e Alexandre se olharam. O Pavão repetiu a pergunta. Alexandre disse que não. O Pavão suspirou tremidinho e foi pra debaixo de uma árvore. Vera perguntou:

— Quem é a Gata da Capa?

Alexandre cochichou:

— É uma gata que ele adorava.

Ficaram olhando o Pavão. Alexandre pensando na Gata. Vera criando coragem pra dizer uma coisa que ela queria dizer desde que tinha chegado; de repente, disse:

— Ontem eu contei lá em casa a história de vocês dois e, sabe? não vai dar pé.

— O quê?

— Aquilo que eu te falei: que vocês iam almoçar e jantar lá em casa, que vocês iam dormir lá em casa também. Não vai dar pé. Mas eles falaram que eu podia trazer comida pra vocês e que vocês podiam ficar aqui no sítio essa noite. Tem aquela casinha lá. Não, lá.

— Hmm.

— É a casinha das ferramentas. Mas é uma casinha legal. O meu pai falou que, você querendo, podia dormir lá, mas que lá em casa não dava pé.

— Por quê?

— Bom, é que... — Suspirou e ficou quieta.

— Fala.

— É que, eles falaram que, pelo jeito, sabe? pelo jeito você, não é lá muito boa companhia pra mim.

— Por quê?

— Bom, o meu pai falou, quer dizer, os dois falaram, que você é assim, como é mesmo que eles falaram? Ah, um menino diferente de mim.

— Diferente como?

— É que, bom, eles falaram que você é um menino largado.

— E quem é que disse isso pra eles? Quem?!

— Por favor, não fica zangado. Eles falaram isso porque você tá viajando sozinho.

— Sozinho, não! Tô viajando com o Pavão.

— Pois é, eles acham que um pavão é muito bonito mas que é pouca companhia pra um garoto viajar.

— Bom, eu vinha com o Augusto. Mas aí o Augusto foi pra São Paulo trabalhar numa fábrica, o que é que eu podia fazer!

— Parou de falar de repente, sentiu uma saudade ruim dentro dele.

— O Augusto é o teu irmão, não é!

— Meu irmão do meio.

— Ah, você tem mais irmão?

— Tenho.

— E você também tem pai?

— Claro que eu tenho! — Levantou com um jeito decidido: — Tenho mãe, tenho casa, tenho tudo, não tenho nada de largado. — E mergulhou no rio.

Quando botou a cabeça fora d'água, Vera pediu:

— Você bem que podia contar sua vida pra mim.

Ele mergulhou de novo. Ficou lá por baixo pensando se contava ou não. Subiu.

— Conta?

— Tá bom. — Lembrou das histórias que o Augusto contava. Quase sempre começavam assim: "Fulano tinha um amigo, o amigo tinha um cachorro, o cachorro tinha o olho amarelo, o olho amarelo tinha uma pestana torta, e um dia a pestana torta..." Sentou junto de Vera e contou: — Lá em Copacabana tinha um morro, no morro tinha uma favela, na favela tinha um barraco, no barraco tinha a minha família, na minha família tinha a minha mãe, eu, meus dois irmãos e minhas duas irmãs.

— E o teu pai?

— Que que tem?

— Você não disse que tinha pai?

— Tenho. Mas ele foi bebendo cada vez mais cachaça e então virou bêbado.

Agora não trabalha, não faz nada, só vive caído no chão.

— Olha um peixe, olha um peixe!

Os dois ficaram olhando o peixe passar. Só foi pena que passou tão depressa que quase não deu tempo de curtir. Vera falou:

— Ontem você disse que a tua casa tinha uma vista espetacular.

— Tem. Quando a gente abre a janela da frente vê o mar; lá embaixo. E abrindo a janela de trás vê o mato.

- Então lá é bom?
- Não, tirando a vista o resto todo é ruim, é pobre.
- E a tua mãe?
- Tá sempre lavando e passando.
- Por quê?
- Porque ela lava pra fora, ué.
- Hmm. E as tuas irmãs?
- Trabalham de empregada lá embaixo.
- E o Augusto?

A cara de Alexandre se abriu, a ruga na testa sumiu:

- Ah, o Augusto é legal. Eu gosto um bocado dele.

Pois é, Alexandre e Augusto gostavam um bocado um do outro; tinha uma diferença grande de idade entre os dois, mas eles nem ligavam pra isso. Dormiam no mesmo canto. E se de noite Alexandre custava a dormir, Augusto ficava inventando história pra ele. Se tinha coisa que Augusto gostava era de inventar história; Alexandre adorava escutar; às vezes ficavam inventando e ouvindo até o galo cantar.

Desde pequeno que o Augusto vendia sorvete na praia, que nem o irmão mais velho. Então um dia resolveu:

- O Alexandre não vai vender sorvete que nem a gente. Ele vai estudar. Vai estudar até ficar homem feito.

Matriculou Alexandre na escola; comprou uniforme, caderno, livro; levou ele pra aula no primeiro dia, e aí falou:

- Pronto garoto, agora bota a cuca pra funcionar.

E Alexandre botou. Gostava da escola. Davam merenda. Tinha uma turma boa. Ganhava elogio, diziam que ele tinha cuca legal, que aprendia fácil. E era verdade. Num instante aprendeu um monte de coisas. E se o Augusto não chegava em casa muito cansado, ele cismava de ensinar pro irmão tudo que tinha aprendido. E contava que ia estudar muitos anos, que nem o pessoal lá de baixo; estava numa dúvida danada se ia ser médico do coração ou dos dentes; também ainda não sabia direito onde é que ia comprar apartamento, se Ipanema ou Leblon.

Vieram as férias e ele foi vender biscoito na praia pra ganhar um dinheirinho. E quando as aulas começaram de novo ele continuou vendendo. Mas só nos domingos.

Livro, caderno, tudo foi custando mais caro. Uma irmã de Alexandre casou, foi embora (ela ajudava na despesa da casa); o irmão mais velho pegou uma doença séria e

foi pro hospital. O dinheiro em casa ainda ficou mais curto, tudo ainda mais apertado. Resolveram:

— É melhor Alexandre parar de estudar e ficar trabalhando também: ele tava ganhando um dinheiro bom na praia.

Alexandre não disse nada; ficou olhando pro Augusto. Augusto resolveu:

— Não. Ele tá indo muito bem na escola, deixa ele lá.

O jeito é me virar mais um pouco.

E Alexandre continuou estudando. No meio do ano já pulou pra uma turma mais adiantada. A turma tinha acabado de ganhar uma professora nova, que nunca vinha sozinha: chegava sempre com uma maleta.

A Professora e a maleta

A Professora era gorducha; a maleta também. A Professora era jovem; a maleta era velha, meio estragada, e de um lado tinha o desenho de um garoto e uma garota de mão dada, vestindo igual. Cabelo igual, risada igual.

A Professora gostava de ver a classe contente, mal entrava na aula e já ia contando uma coisa engraçada. Depois abria a maleta e escolhia o pacote do dia. Tinha pacote pequenininho, médio, grande, tinha pacote embrulhado em papel de seda, metido em saquinho de plástico, tinha pacote de tudo quanto é cor; não era à toa que a maleta ficava gorda daquele jeito.

Só pela cor do pacote as crianças já sabiam o que é que ia acontecer: pacote azul era dia de inventar brincadeira de juntar menino e menina; não ficava mais valendo aquela história mofada de menino só brinca disso, menina só brinca daquilo, meninos do lado de cá, meninas do lado de lá.

Pacote cor-de-rosa era dia de aprender a cozinhar. A Professora remexia no pacote, entrava e saía da classe e, de repente, pronto! montava um fogão com bujãozinho de gás e tudo. Era um tal de experimentar receita que só vendo. (Um dia a diretora da escola entrou na classe justo na hora em que Alexandre estava ensinando um outro garoto a fazer uns bolinhos de trigo. Uma fumaceira medonha na sala. Tudo quanto é criança em volta do fogão palpitando: falta mais sal! bota pimenta! bota um pouquinho de salsa! A diretora sabia que estava na hora da aula de matemática. Que matemática era aquela que a Professora estava inventando? Não gostou da invenção. Mas saiu sem dizer

nada.)

Pacote vermelho era dia de viajar: saía retrato do mundo inteiro lá do fundo do pacote; espalhavam aquilo tudo pela classe; enfileiravam as carteiras pra fingir de avião e de trem; quando chegavam nos retratos um ia contando pro outro tudo que sabia do lugar.

Tinha um pacote cor-de-burro-quando-foge que a Professora nunca chegou a abrir. Todo dia ela botava o pacote em cima da mesa. Mas na hora de abrir ficava pensando se abria ou não, e acabava guardando o pacote de novo.

Pacote verde era dia de aprender a pregar botão, botar fecho, fazer bainha na calça e na saia. Se o verde era bem forte, era dia de aprender a cortar unha e cabelo. Verde bem clarinho era dia de consertar sapato. E tinha um verde, que não era forte nem claro, era um verde amarelado, que as crianças adoravam: era dia da Professora abrir pacote de história. Cada história ótima.

E tinha um pacote branco que só servia pra Professora esconder e pra turma brincar de achar. Quem achava ia pro quadro-negro dar aula. No princípio ninguém procurava direito: coisa mais chata dar aula! E aula de quê?

— Conta a tua vida, ué, mostra o que você sabe fazer.

Com o tempo, a turma deu pra procurar direito o pacote: achavam engraçada a tal aula.

No dia que Alexandre achou o pacote, resolveu contar pra turma como é que ele vendia amendoim na praia. No melhor da aula, um grupo de pais de alunos, que estava visitando a escola, entrou na sala. Quando a aula acabou, um deles perguntou pra Professora:

— A senhora está querendo ensinar meu filho a ganhar a vida vendendo amendoim?

A Professora explicou que Alexandre só estava contando pros colegas como era o trabalho dele, pra todos ficarem sabendo como é que ele Vivia.

No outro dia saiu fofoca: contaram pra Alexandre que tinha um pessoal que não estava gostando da maleta da Professora.

— Que pessoal?

Um disse que era a diretora, outro disse que era uma outra professora, outro disse que era o pai de um aluno, outro falou que era o faxineiro, e foi um tal de um disse que o outro falou, que ninguém ficou sabendo direito.

Aí, uns dias depois, choveu muito. Chuva grossa. Encheu rua, o tráfego da cidade parou, casa desmoronou, coisa à beça aconteceu. Quase ninguém foi à escola.

Mas Alexandre foi. Entrou na classe e viu tudo vazio; chovia demais pra voltar pra casa; resolveu sentar e esperar. Lá pelas tantas a Professora chegou. Mas chegou sem a maleta. E com um jeito diferente, uma cara meio inchada, não contou coisa gozada, não riu nem nada. Sentou e ficou olhando pro chão.

Alexandre achou que ela nem tinha visto ele:

— Oi!

Ela também disse "oi": e continuou quieta. Depois de um tempo, Alexandre cansou de tanto ninguém dizer nada e falou:

— A chuva molhou sua cara.

A Professora nem se mexeu. Ele perguntou:

— Foi chuva?

Ela fez que sim com a cabeça. Alexandre resolveu esperar mais um pouco. Mas pelo jeito, a Professora tinha esquecido de dar aula. Será que era porque ela não tinha trazido a maleta? Arriscou:

— Cadê a maleta?

A Professora olhou pra ele sem saber muito bem o que é que dizia. Ele insistiu:

— Hem? Cadê?

— Perdi.

Ele se apavorou:

— Com tudo que tinha lá dentro?!

— É.

— Os pacotes todos?

— É.

— O azul, o verde, o...

— É, é, é!!

Puxa, que susto! Ela nunca tinha falado alto assim. Não perguntou mais nada, o coração ficou batendo, batendo, mas ela continuava sempre quieta, tão quieta que ele acabou não agüentando e perguntou de novo:

— Mas e agora? Como é que você vai dar aula sem a maleta?

— Não sei.

— Mas... escuta... você já procurou bem? — Ela fez que sim a cabeça. — Botou anúncio no jornal? Diz que quando bota anúncio quem acha dá pra gente. — Ela ficou quieta. Botou?

— Botei.

— Ninguém achou?

— Não.

— Então como é que vai ser?

— Não sei.

— Dá jeito de você comprar os pacotes de novo?

— Não.

— Por quê? — Ela não disse nada. — Responde. Por quê?

— Eles vêm junto com a maleta; não vendem separado.

— Mas então compra outra maleta, pronto! — Ela ficou quieta de novo. E como o tempo ia passando e ela continuava sempre quieta, e a cara não secava nunca e não chovia lá dentro e a cara cada vez mais molhada, ele acabou pedindo:

— Compre, sim?

— Não dá, Alexandre. Eles não estão mais fabricando essas maletas hoje em dia.

E aí ele não perguntou mais nada. Ela também não falou mais. Até que a campainha tocou e a aula acabou.

A situação em casa continuava apertada; domingo Alexandre ia pra praia: era dia de vender amendoim. Depois começou a vender sábado e domingo. Batia papo com todo o mundo, gostavam dele, vendia bem.

As férias começaram. Alexandre deu pra vender na sexta-feira também. Na quinta. Na quarta. Depois só não ia se chovia.

Já estava chegando outra vez o tempo de aula quando Augusto se apaixonou e quis casar. Mas pra casar precisava comprar tanta coisa, fogão, móvel, colchão, como é que o dinheiro ia dar? A mãe de Alexandre falou:

— Quem sabe é melhor o Alexandre parar de estudar pra ficar trabalhando?

Alexandre não disse nada, só olhou pro Augusto. E a noiva do Augusto falou:

— Pois é, o Augusto agora não vai mais poder ajudar, tem tanta coisa que a gente precisa comprar pra casar.

Alexandre continuava olhando com força pro Augusto. A mãe, a noiva, a irmã, todo o mundo falou que era por pouco tempo que Alexandre ia parar de estudar. Só até o Augusto casar. Ou o irmão mais velho sair do hospital. Ou alguém em casa acertar na loteria esportiva. Augusto levantou e foi pra janela espiar a vista; depois disse:

— É por pouco tempo, Alexandre.

Alexandre saiu da escola. Foi vender sorvete em vez de amendoim. Era mais

pesado de carregar, mas pagava mais. De noite ficava pensando nos colegas, na Professora (será que ela tinha encontrado a maleta? puxa vida, será que ninguém tinha lido o anúncio no jornal?), acabava perdendo o sono. Augusto inventava uma porção de histórias pra ele se distrair e dormir, mas ele não prestava quase atenção, não fazia pergunta, não batia papo nem nada, só ficava de olho aberto no escuro pensando na maleta e na escola. Mas uma noite, Augusto contou uma história que, de saída, deixou Alexandre muito interessado.

— Sabe, Alexandre? eu nunca te contei: você tem uma madrinha.

— Eu sei. Mamãe às vezes fica dizendo que eu preciso ir lá na dona Zefa, que foi ela que me batizou, que ela pergunta por que que eu não vou lá, que ela isso, que ela aquilo, mas eu acho ela tão chata.

— Não! Não tô falando da dona Zefa, não. Tô falando da outra.

— Que outra?

— A outra madrinha que você tem.

— E pode?

— Duas?

— É.

— Pode, ué. Ainda mais assim: uma morando aqui e a outra bem longe.

— Bem longe onde?

— Lá pro interior, bem pra dentro do Brasil.

— Ela é pau-de-arara?

— Que nada, ela tem uma casa bacana, pau-de-arara nunca viu igual.

— Grande?

— Até que não é grande, é pequena. Toda branca. E tem quatro janelas. A gente abrindo a janela do lado vê o mar, lá embaixo; e abrindo a do outro lado vê o mato. A casa fica bem no alto de um morro.

— Então é que nem aqui?

— Que o quê! É um morro pequeno. Bem redondo. Bem no fim de uma estrada. E é todo tapado de flor.

— Mas pode?

— O quê?

— Um morro todinho de flor?

— Pode, sim. Só que a gente leva até um susto quando vai indo pela estrada e de repente dobra uma curva e bate o olho em tanta flor. Tem de tudo quanto é tamanho:

rentinho no chão, maior um pouco, bem grande, já tem flor até assim da tua altura.

— Mesmo?

— E quando dá o vento ainda é melhor de olhar: vai tudo balançando pra cá e pra lá e é um tal de cheirar gostoso que você nem imagina.

— Que legal.

— Tem um caminho que vai passando no meio delas até chegar em casa, estreito assim.

— Assim como? Nesse escuro não dá pra ver.

— Assim que nem você. Dá justinho pra você passar. E o caminho vai indo, vai subindo, mas vai fazendo tanta volta que você vai chegando sem nem sentir que tá subindo. E, de repente, pronto! Você dá de cara com a porta da casa.

— Que cor que é?

— A casa?

— A casa você já disse. A porta.

— Adivinha.

— Azul. Azul bem forte.

— Ué, como é que você adivinhou?

— Ah.

— Um azul bonito mesmo, foi ela mesmo que escolheu.

— A minha madrinha?

— Não, a porta. E depois que ela já estava toda azul achou que precisava de um enfeite e botou uma flor no peito. Do que é que você tá rindo?

— Desde quando porta azul tem peito?

— Tem, sim. E ela tacou uma flor amarela bem aqui no meio.

— Ela abre fácil?

— A flor?

— Não, a porta. Abre fácil ou a gente tem que dar um empurrão que nem essa aqui de casa? Augusto?

— Hmm?

— Ah, você ficou quieto, pensei até que tinha dormido. Não dorme não, viu?

— Tá.

— Mas, hem? A gente tem que empurrar a porta pra ela abrir?

— Que nada, é porta jóia. E tem duas chaves, uma pra abrir por dentro e outra por fora.

— Ué, por quê?

— Tua madrinha achou melhor: se você chega de repente e a casa tá fechada, não tem problema nenhum, é só abrir a porta e entrar.

— Mas então qualquer pessoa pode entrar, até ladrão.

— Não pode não porque a porta escondeu a chave que abre por fora lá dentro da flor. Bem fundo. Ninguém sabe desse esconderijo; só nós dois. Quer dizer, só nós quatro: tua madrinha, eu, você e a porta azul. Não espalha, viu?

— Pode deixar. Mas escuta, Augusto, me conta uma coisa: se a minha madrinha escondeu a chave pra mim lá dentro da flor é porque a chave é minha, não é não?

— Claro, ué.

— Mas então... Escuta, sempre que eu tô com medo do escuro, de ficar sozinho, de trabalhar, de uma porção de coisas, você diz que o medo tá ganhando de mim, não diz?

— Digo.

— E quando um dia eu te perguntei quando é que eu ia ganhar dele você disse que era quando eu tivesse a chave da casa no bolso. Agora você tá dizendo que a chave é minha então tá na hora de eu começar a ganhar do medo, não tá não? Hem? Augusto! Ei, Augusto! Você tá dormindo?

— Não.

— Então diz, diz.

— O quê, Alexandre?

— Eu vou começar a ganhar do medo?

— Bom...

— Bom o quê?

— Bom, eu falei “chave no bolso”. Por enquanto ela ainda tá dentro da flor.

— Mas então a gente precisa ir logo lá pra pegar.

— Pois é.

— Ah, vamos de uma vez, Augusto!

— É longe.

— Quando é que a gente vai?

— Qualquer hora dessas. Aí, quando a gente chegar lá, você vai ficar até bobo com o jeito da porta abrir: levinho, sem fazer barulho nenhum, e bem devagar: ela nunca tem pressa nem de abrir nem de fechar.

— Mas como é que você sabe? Você já foi até lá?

— Já fui uma vez, sim.

— Quando?

— Quando eu era pequeno assim que nem você.

— E por que que você não me levou junto?

— Você era um bebezinho à-toa, não podia viajar.

— Tá vendo? Eu sempre dou azar. — E ficou querendo se lembrar se não dava pra lembrar de nada do dia que Augusto tinha ido lá. Aí Augusto pensou que ele tinha dormido e virou pro lado pra dormir também. Mas Alexandre perguntou: — E o que é que você fez na hora que a porta abriu bem devagar?

— Hmm?

— O que é que você fez quando a porta abriu?

— Fui entrando na ponta do pé; tava tudo tão quieto que eu tinha medo até de pisar.

— Era de dia ou de noite?

— Adivinha.

— Era de noite. Como uma lua só pelo meio que... Não, não! era de dia, não tinha escuro nenhum, tava tudo bem claro, tinha até muito sol.

— Ué, como é que você adivinhou de novo?

— Pois é.

— Fui entrando devagar...

— Minha madrinha tava em casa?

— Não vi ninguém.

— Só tinha a casa?

— Só tinha a casa. Tava cansado, desabei numa cadeira; ela encolheu as pernas e me jogou no chão.

— No duro?

— Ela não me conhecia: acho que era muita folga eu ir tomando conta dela sem nem pedir com licença. Tá rindo? Tá pensando que é mentira?

— Eu não!

— A cadeira é assim mesmo: fica danada da vida quando a gente obriga ela a fazer uma coisa sem querer saber se ela tá topando ou não. Mas se a gente é legal e trata ela bem, aí pronto, ela fica feliz que só vendo, é só a gente sentar que ela abre os braços pra gente sentar ainda mais gostoso; se a gente diz "hmm, tô com um sono!", ela estica a frente e abaixa as costas pra gente deitar e dormir; e se você pensa "tomara que

eu não durma demais, tenho que acordar às três horas", bateu três horas, batata! Ela levanta e dá um pulo, querendo ou não você acorda.

— Mas ela sabe ver hora?

— O que é que aquela cadeira não sabe, Alexandre?

— E lá tem relógio?

— Tem. Bem na frente da porta azul. Velho. Comprido. De pé. Bom mesmo da gente brincar de esconder dentro dele. Lembra no ano passado, quando a mamãe ficou doente e a gente foi levar a roupa lavada naquela madame de Ipanema?

— Lembro.

— Lembra do relógio que tinha na sala?

— Lembro.

— Pois o relógio da casa da tua madrinha é igualzinho.

— Quando a gente tava esperando o dinheiro que a empregada foi buscar, o relógio bateu, lembra, Augusto?

— Lembro.

— Gostoso pra burro de ouvir. O da minha madrinha bate igual?

— Melhor. Bate hora que nem sambão, bem alto; e minuto que nem samba de fossa, baixinho e meio rouco. Mas melhor que o relógio e a cadeira é um armário que tem lá.

— Conta!

— É um armário de madeira clarinha. Se a gente tá precisando de roupa de inverno, é só abrir a porta e a roupa tá lá.

Direitinho. Pendurada num cabide e tudo. Se o sapato da gente acaba, não tem problema nenhum: é só olhar numa prateleira que tem outro sapato lá: mesmo número, a cor que a gente gosta, tudo certinho.

— E a camisa? também tem?

— Na segunda gaveta.

— E meia? e calça? e calção?

— Cada coisa numa gaveta.

— E não faz confusão?

— A gente nem precisa saber; é só pensar "tô precisando de uma meia" e pronto: o armário abre a gaveta pra gente.

— Que coisa mais legal, Augusto!

— Pois é. E, sabe? Na cozinha tem outro armário igualzinho. Só que é pintado de

branco. O que sai lá de dentro, ah, nem é bom pensar.

— Sai coisa ruim?

— Ruim? Ruim é aqui que a gente vive pensando se vai ter comida ou não.

— Por falar nisso, Augusto, tô com um buraco danado na barriga.

— Dorme que o buraco passa.

— Primeiro conta o que é que sai do armário.

— Bom, acontece que o armário branco nunca tá afim de ver gente com buraco na barriga; então, é só a gente abrir ele, que sai pão, sai bolo, sai biscoito...

— Sai sorvete?

— Sorvete, amendoim, cada abacaxi assim, e aquela manga, como é mesmo que ela chama? aquela gostosa à beça que tem nome de garota.

— A carlotinha.

— Isso. Sai tudo lá de dentro. A gente enche a barriga. E aí pensa "coitado do armário branco: deu, deu, deu, agora tá vazio". Pois sim! É só abrir a porta de novo que o armário desata a dar tudo outra vez.

— Sorvete? Carlotinha? Bolo?

— Tudo.

Lá dentro da barriga de Alexandre o buraco aumentou.

— Augusto.

— Hmm?

— Não dá pra gente agora dar um pulinho lá na casa da minha madrinha?

— Não dá, Alexandre, é muito longe.

— Então quem sabe dá pra ela mandar o armário branco pra gente?

— Ah, não dá! eles cobram uma nota pra trazer um armário assim de tão longe.

— Então conta mais. Mas olha, não conta do armário da cozinha não. Conta outra coisa. Conta do mar.

— Mar?

— Você não disse que uma janela dava pro mar?

— Ah é!

— Mar bom?

— Um barato. Água tão limpinha que a gente vê o fundo. Com peixe passando e tudo.

— Fria?

— Morninha. Mas sabe? no dia que eu fui lá nem deu pra curtir o mar. Tem tanta

coisa legal lá na casa da tua madrinha que não deu tempo de curtir tudo.

— E o mato?

— O que é que tem?

— Você disse que a outra janela dava pro mato. Mato como? Assim que nem a floresta da Tijuca que a gente foi naquele domingo?

— Parecido. Mas melhor.

— Puxa

— Cada árvore que a gente olhava lá pra cima e nem via o fim; cascatinha, rio passando, sumindo de repente e aparecendo de novo; gruta, caverna, tronco de árvore com fresta pra gente espiar, mistério que não acabava mais pra gente descobrir.

— E você descobriu tudo?

— Não deu tempo, era coisa demais.

— E as outras duas?

— O quê?

— Janelas. Você não disse que a casa tinha quatro? Augusto!

— Hmm?

— Você tá dormindo?

— Hmm?

— Não dorme, não. O que é que a gente vê quando abre a terceira janela?

— Não sei.

— Ué, você não abriu pra ver?

— Ela tá empenada, não abre mais. Há muito tempo que ela empenou. Lutei pra abrir a danada, queria tanto ver o que é que tinha do outro lado. Mas não consegui. Depois me disseram que a tua madrinha tinha lutado à beça sem conseguir também.

— Não brinca, Augusto.

— Sério.

Alexandre se impressionou com a janela que não abria; ficou quieto pensando; tão quieto, que Augusto pensou: "puxa, até que enfim ele dormiu" (Augusto tinha trabalhado o dia todo, estava morrendo de sono). Já ia dormindo quando Alexandre falou:

— É que mulher não tem mesmo muita força pra, abrir janela empenada, e você era pequeno, também não devia ter força, é isso. Viu, Augusto! é isso.

— É. Vai ver se fosse hoje eu abria.

— Ah, Augusto, vamos de uma vez até lá?

— Calma, rapaz, qualquer hora a gente vai.

— Escuta, e a última janela? Também empenou?

— Não. Mas você lembra quando a gente ficou esperando lá na casa da madame de Ipanema o dinheiro da roupa lavada?

— Lembro. O relógio tocou. Gostoso toda a vida. A gente ficou esperando o dinheiro e olhando a sala, o relógio, o tapete, a mesa.

— E você lembra quando a empregada voltou?

— Lembro. Ela trouxe o dinheiro e um pacote. Disse que era pra mamãe. Disse que a patroa sabia que a mamãe tava lutando com muita dificuldade e que então mandava aquele pacote pra ela.

— Isso mesmo. E aí a gente foi embora depressa, louco pra espiar o que é que tinha dentro. Subiu o morro correndo. Entrou no barraco correndo, mamãe tava na cama, ruim pra burro. Lembra o aperto de vida que a gente tava passando?

— Eu vivia com esse buraco aqui.

— Tinha amigo, vizinho, e aí juntou em volta pra ver a gente abrir o pacote. Lembra, Alexandre?

— Lembro. E dentro do pacote tinha uma cortina tão bonita. Toda listadinha de vermelho e branco.

— Pois é.

— E aí a gente não sabia o que é que fazia com a cortina.

— Pois olha, quando eu cheguei na casa da tua madrinha quase caí pra trás: a quarta janela tava tapada com a cortina listada.

O coração de Alexandre bateu mais depressa. Sem querer começou a falar baixinho.

— Não brinca, Augusto.

— No duro.

— Mas o que é que ela tava fazendo ali?

— Tapando um mistério.

— Tava o quê?

E Augusto falou no ouvido dele:

— Tapando um mistério.

O coração de Alexandre batia, batia cada vez mais.

— Que mistério, Augusto? que mistério?

Mas Augusto estava tão cansado que dormiu.

— Augusto. Acorda. Não dorme.

Augusto roncou.

— Acorda, Augusto! Acorda, por favor! O que é que a gente via quando abria a cortina listada?

— Hmm?

— O que é que a gente via quando abria a cortina?

— Não abri, Alexandre, não deu tempo. Quando eu ia indo pra janela, ouvi um barulhinho esquisito. Segui o barulho. Desci uns degraus, abri uma porta pequena e foi só nessa hora que eu vi que a casa da tua madrinha tinha porão. Tava meio escuro, mas deu pra ver que tinha um bocado de coisa lá dentro. Comecei a procurar de onde vinha o barulho, mas aí o relógio sambou cinco horas e acontece que eu tinha que voltar pra casa às cinco horas em ponto. Então eu deixei pra ver que barulhinho era aquele no dia que eu voltasse lá com você. Saí do porão, me despedi correndo do relógio, da cadeira, do armário, de tanta coisa gostosa, nem vi uma maleta junto da porta, tropecei nela, quase fui de nariz no chão.

— Maleta? — E o coração de Alexandre pulou. — Maleta de que tamanho?

— Assim. Mais ou menos do tamanho da caixa de sorvete.

— Gorducha?

— É.

— E tinha o desenho de um garoto e uma menina de mão dada, vestindo igual, cabelo igual, risada igual?

— Tinha.

— Augusto, Augusto, você jura que essa maleta tá lá?

— Juro. Tropecei nela, voei porta afora, a porta fechou de levinho, guardei a chave dentro da flor, todos mandaram um abraço pra você, e eu prometi que uma hora dessas a gente ia até lá. — E aí não agüentou mais: virou pro lado e ferrou no sono.

Alexandre estava tão contente que nem se mexia. Ficou olhando o escuro e vendo a casa da madrinha. Todinha. Coisa mais legal ter uma madrinha com uma casa assim. E uma hora dessas ele ia até lá, já pensou? Ia abrir a cortina listada, a janela empenada, ia ver que barulho esquisito era aquele no porão, ia pegar a maleta elevar pra Professora: "achei! achei! achei!"

E muito depois, quando o sono chegou, ele sonhou: estava correndo, estava chegando, estava pegando a chave na flor e botando no bolso.

No outro dia foram perguntar pro Augusto se ele não queria trabalhar numa fábrica em São Paulo. Pagavam bem. E se ele tirava férias, pagavam também. E se

trabalhava fora de hora, pagavam dobrado. Dois amigos dele já tinham ido; por que que ele não ia também? Augusto conversou com a noiva, os dois pensaram, ele topou. E na hora da despedida Alexandre perguntou:

- Você volta, Augusto?
- Volto, sim.
- Quando?
- Qualquer hora dessas.
- Mesmo?
- Tá duvidando?
- Vai ser tão chato ir sozinho pra praia trabalhar.
- Que nada.
- É chato sem você, Augusto!!
- Besteira, rapaz.
- E se eu não durmo de noite?
- Vai dormir, sim.
- Só você sabe contar história.
- Te contei uma porção; se o sono custar você lembra delas e pronto.
- Aposto que não dá certo.
- Quando eu voltar conto mais.
- E a casa da madrinha?
- Que que tem?
- Quando é que você vem me buscar pra gente ir até lá?
- Qualquer hora dessas.
- Não esquece, viu, Augusto?
- Não esqueço, não.
- Promete?
- Prometo.
- Então tá.
- Tchau, Alexandre.
- Tchau, Augusto.

Ficou frio no Rio. Pouca gente na praia. Alexandre ia do Leme ao Posto 6, do Arpoador ao Leblon com a caixa de sorvete pendurada no ombro. Não vendia quase nada. Sentava pra descansar olhando o mar. E pensava na casa da madrinha. "Puxa vida, que vontade danada de dar um pulo até lá."

Um dia um garoto chegou perto dele e falou:

— Negócio de vender na praia já era. Ainda mais com esse frio. Por que é que você não vai lá pro centro da cidade, lá pra avenida Rio Branco?

— É mais quente?

— O negócio lá é outro: é arranjar táxi pra freguês.

— É o quê?

— Vou te explicar: lá na avenida tem um movimento de doido; gente assim querendo pegar táxi; quando aparece um todo o mundo corre, avança, é uma confusão. Então a gente faz o seguinte: fica de olho, quando vê um táxi chegando a gente corre e mete a mão na porta. O primeiro que meteu a mão na porta ganha o carro.

— Ganha? Como?

— Fica com o carro pro freguês.

— Mas onde é que tá o freguês?

— Tá na calçada esperando!

— Mas se ele tá lá mesmo por que que não é ele que mete a mão na porta?

— Vê se manja mais fácil, cara: pra meter a mão na porta você tem que ir pro meio da rua, empurrar, correr, ter olho vivo, escapar de carro, de ônibus, de tudo que vai passando. Tá pensando que o freguês vai fazer isso, é?

— Hmm. E aí?

— Ora e aí! O freguês dá um dinheiro pra gente, vai embora no táxi, e a gente fica outra vez de olho pra pegar outro carro.

— E dá bem no fim do dia?

— Diz que dá.

— Então amanhã eu vou pra lá.

Foi. Escolheu o lugar mais movimentado da cidade. Já tinha quatro garotos “trabalhando” naquele ponto. Fizeram cara feia quando viram Alexandre chegar (quanto mais garoto querendo pegar o mesmo táxi, mais eles tinham que brigar). Empurraram Alexandre, xingaram ele, fizeram tudo pra ele ir embora. Mas a vida na praia estava muito apertada, Alexandre queria ver se ganhava mais um pouco, ficou.

Era duro. Tinha que escapar de ser atropelado, tinha que escapar de ser empurrado, tinha que escapar de tanta coisa, que chegava em casa de língua de fora. Foi daí pra frente que ele deu pra pensar cada vez mais seguido na casa da madrinha. Às vezes, ficava parado de olho arregalado bem no meio daquela confusão da avenida Rio Branco. Parecia que ele estava de olho vivo pra pegar um táxi. Que nada! Estava vendo,

lá dentro da cabeça dele, tudo que saía do armário branco, do porão, do armário de madeira clarinha...

Quando chovia tudo ainda ficava mais difícil: táxi sumia, a briga aumentava, se ele não entrava na briga voltava pra casa sem tostão. E todo molhado ainda por cima. Então resolvia que quando fosse na casa da madrinha, dia de chuva ele não ia sair. Podia chover um mês, dois, três. Ele não saía. Ficava lá dentro no bem-bom. Sem se molhar. E o armário sempre com comida, e o outro sempre com roupa, e o porão cheio de coisa pra brincar, e a cadeira se espichando toda pra ele tirar uns cochilos, acordando de vez em quando só pra ouvir a chuva caindo lá fora. Podia chover até seis meses: ele não estava ligando. Bem fechado lá dentro. Um ano até: nem te ligo.

Alexandre juntava as gorjetas que os fregueses davam, e na hora do almoço ia num botequim lá perto e pedia uma média com pão e manteiga. Curtia aquela média até não poder mais; uma hora antes do almoço o pensamento dele já estava misturando a casa da madrinha com a média que ia tomar. Mas um dia choveu tanto, que ele passou o dia inteirinho plantado na rua, passou a hora da média, escureceu, passou um bocado de táxi, mas ele não conseguiu apanhar nenhum. Voltou pra casa tão desanimado que resolveu o seguinte: bom, se o Augusto não voltar até o verão, eu me mando mesmo sozinho lá pra casa da minha madrinha.

O verão voltou; a praia ficou cheia de novo; Alexandre foi vender sorvete na areia outra vez. Ia andando com o mar do lado; olhando as meninas que passavam; chutando uma bola que caía perto. Como antes, como no tempo do Augusto. Só que o verão acabou e o Augusto não voltou. Então, quando foi num domingo, Alexandre resolveu que a caixa de sorvete ia servir de mala, e se mandou mesmo sozinho lá pra casa da madrinha.

Vera levantou de repente:

— Eu tenho que ir, já tô atrasada; eu disse pra minha mãe que eu só vinha um instantinho.

— Ah, fica mais.

— Ela tá me esperando; me dá uma aflição danada quando eles tão me esperando.

— Você só tem escola de tarde, não é?

— Mas hoje é dia de ir com a minha mãe comprar comida. Meu pai vai levar flor pro mercado e a gente aproveita a carona.

Alexandre ficou quieto. Tanto rio, tanta árvore, tanta coisa pra conversar e ela ia

embora? Puxa vida. Vera olhou pra casa, suspirou:

— Eu queria ficar, mas minha mãe disse: "dez horas aqui." Olha — mostrou o relógio — dez horas.

— Se ela disse dez horas e agora é que são dez horas, como é que você tá atrasada?

— Porque até eu chegar em casa já passou das dez.

— Um minutinho à-toa.

— Pra eles não é. Minha mãe e meu pai têm mania de relógio. Olha, eles me deram esse relógio de Natal. Grandão assim pra toda hora eu ver hora e não atrasar nunca mais. Tudo lá em casa é marcado no relógio: almoço, lanche, jantar, hora de dormir, de estudar, de conversar, e a gente tem um relógio na sala, outro na cozinha, outro no quarto, tem um pequenininho no banheiro, a caminhonete do meu pai não tem rádio mas tem relógio, e a minha mãe, em vez de relógio de pulso, tem um relógio de dedo assim feito anel. — Ouviu o pai chamando; olhou. Alexandre também olhou:

— O que é que ele tá te mostrando?

— Que já passou um minuto das dez. Tchau. Eu volto depois da escola. E trago mais comida pra você e o Pavão.

— Tá.

— Não vai embora. Espera eu voltar, viu? — E saiu correndo.

Alexandre e o Pavão ficaram donos do sítio. O Pavão adorou não ter que viajar, já andava de perna doída de tanto andar, dormiu que só vendo. Mas Alexandre trepou em árvore, tomou mais banho no rio, examinou tudo quanto é flor. Depois viu que as janelas da casa só estavam fechadas com o vidro. Espiou pra dentro. Viu uma porção de desenhos de Vera pendurados na parede: árvore, bicho, gente, estrada, cada cor bonita mesmo. Espiou a sala. Viu que a mesa já tinha ficado preparada pro almoço. Olhou o lugar onde Vera sentava, só podia ser: o guardanapo estava metido numa argola com cara de coelho. Rodeou a casa. Espiou a cozinha. Tinha fruta, tomate, pão, cenoura, batata, cebola, e uma galinha de brinquedo com um buraco nas costas cheio de ovo dentro. "Puxa, e ela ainda foi comprar mais comida?" Resolveu espiar de novo os desenhos. Sentiu saudade de Vera. Tanta compra, tanta escola, tanta hora até ela voltar outra vez!

— Oi!

— Oi. Puxa, custou tanto pra chegar agora! — Vera sentou ao lado de Alexandre e tomou fôlego. — Corri toda a vida. — Desembrulhou um guardanapo. Tinha trazido pão,

queijo e biscoito. Gritou: — Pavão!

O Pavão tomou um susto. Quando viu que tinham chamado pra comer, correu. Mas como continuava experimentando cada passo que dava, se atrapalhou na corrida, caiu, levantou, correu outra vez, caiu de novo, e quando conseguiu chegar junto do guardanapo desatou a comer com a mesma pressa de sempre.

Vera contou pra Alexandre tudo que tinha feito, e depois perguntou:

— O que é que aconteceu quando o Pavão encontrou o tal marinheiro chamado João das Mil e Uma Namoradas?

Alexandre estava comendo três biscoitos de uma vez só.

— Hmm!

— Pensei nisso não sei quantas vezes lá na escola. Você não disse que naquele dia que a torneirinha abriu, o Pavão contou pra você uma porção de coisas da vida dele?

— Hmm hmm.

— E o que é que aconteceu quando ele encontrou o marinheiro?

De repente, o Pavão ficou com um ar distraído e falou de bico cheio: — João das Mil e Uma Namoradas. Vera olhou para ele. Mas o Pavão não disse mais nada; continuou bicando o pão. E quando Alexandre viu que não tinha mais nada pra comer, deitou no capim e contou o resto da história do Pavão:

No dia que a torneirinha do filtro abriu toda de novo, o Pavão começou a pensar normal. Sempre que ele pensava normal vinha a vontade de viajar; então ele aproveitou uma hora que não tinha nenhum dos cinco donos por perto e foi dar uma voltinha no porto pra ver se algum navio ia passando. Mas quem passou foi um marinheiro chamado João das Mil e Uma Namoradas. E passou de mão dada com uma namorada. Os dois nunca tinham visto um pavão; ainda mais um pavão assim tão raro como o Pavão. Pararam:

— Que espetáculo!

O Pavão agradeceu e aproveitou pra perguntar:

— Sabe se tem algum navio indo embora?

O marinheiro apontou:

— Meu navio sai daqui apouco.

Era um navio grande. Pintado de cinzento e branco, com uma barra vermelha no meio. O nome do navio também estava escrito em vermelho: “Vem comigo”. O Pavão nem pensou duas vezes: foi. O marinheiro chamou:

— Ei! Onde é que você vai?

— M'embora com vocês.

João correu atrás dele:

— Não pode. Meu navio é de carga, não leva passageiro.

— Ah, não brinca.

— É navio que vai pegando mercadoria em cada porto; passageiro não tem vez.

O Pavão ficou desapontadíssimo. A namorada de João cochichou umas coisas no ouvido do marinheiro; ele virou pro Pavão e falou:

— Olha, a minha namorada tá achando as tuas penas o maior barato; quer uma pra ela. Você dá?

O Pavão ainda ficou mais chateado: arrancar pena doía demais, ele não estava a fim; se desculpou:

— Uma outra hora, tá?

A namorada insistiu, falou que nunca tinha visto coisa mais linda, disse que pena de pavão dava sorte, fez até cara de choro. Aí o Pavão, que não gostava de ver gente chorando, suspirou:

— Pode arrancar.

João escolheu a mais bonita e puxou. O Pavão trincou o bico e agüentou firme a dor (quis fazer bonito). A namorada ficou tão feliz com o presente, que não parava mais de beijar o marinheiro. O Pavão ainda se chateou mais: a pena era dele, a dor tinha sido dele, e era o João que ela beijava?

O marinheiro estava encantado: puxa, como a namorada tinha gostado do presente! E presente assim é que era bom: não custava dinheiro, não dava trabalho... Teve uma idéia: fez cara de inocente e perguntou pro Pavão:

— Que dizer que você quer viajar no Vem comigo?

— Querer eu quero, mas você disse que não pode.

O marinheiro fingiu zanga:

— Besteira! Claro que pode. Deixa tudo comigo.

— Mas...

Que mas nem meio mas: João não deu tempo do Pavão dizer mais nada: abriu um saco de viagem, enfiou o Pavão lá pra dentro, jogou o saco nas costas, o navio apitou pra ir embora, a namorada ficou dando adeus com a pena, João escondeu o saco debaixo da cama, e só quando o navio já estava em alto-mar é que ele tirou o Pavão de dentro do saco e explicou:

— Eu sou um cara muito legal, sabe? Eu vi como você ficou chateado quando eu disse que você não podia embarcar. Então resolvi te trazer e te esconder debaixo da

minha cama. É proibido carregar passageiro; e o capitão não gosta de bicho no navio, mas não te preocupa não, eu não conto pra ninguém que você tá aqui. E olha, eu te trago comida e bebida todo dia, você nem precisa sair do esconderijo. Tá vendo como eu sou um cara legal?

O Pavão não estava gostando daquela história: primeiro, porque ele quase tinha morrido sufocado lá dentro do tal saco; segundo, porque ele queria viajar, ver o mundo — mas não queria ver o mundo escondido. Meio que amarrou a cara:

— Não gosto de me esconder.

— Besteira. Olha, eu sou um cara tão legal que eu vou repartir minha comida com você. Todinha. Sobremesa e tudo. E tem mais, eu sou amigo do cozinheiro. O que é que você gosta de comer? Diz. Diz que eu falo com ele e ele capricha num pratinho especial pra você.

O Pavão desamarrou a cara: puxa, como é que ele ia se chatear com um sujeito que até sobremesa repartia com ele? O marinheiro então falou:

— Só tem uma coisa que eu vou querer de você: uma pena pras minhas namoradas.

O Pavão não entendeu direito:

— Ué, você tem mais de uma namorada?

— Tenho.

— Quantas?

— Poucas.

— Quantas?

— Ah, sei lá, não contei. Mas você sabe como é que é, não é? eu sou um cara legal, gosto de dar presente pra elas, gosto de ver namorada satisfeita com o presente que eu dei. E olha, eu não sou de fazer elogio à toa, mas vou te contar, as tuas penas são mesmo um barato; troço fino, de luxo. E sabe como é que é, não é? presente fino assim custa caro, marinheiro ganha pouco, não pode pagar, daí você tem que colaborar. Tá?

Disse aquilo e foi saindo. Com a cara mais limpa do mundo.

— Não tá não! — o Pavão gritou.

João se assustou, parou:

— Que que há? Qual é a transa?

— A transa é que eu não topo. Dói. Arrancar pena dói pra burro. E tem mais: a pena é um pedaço de mim; não posso ficar dando pedaço de mim a toda hora; acabo acabado, sem pedaço mais nenhum.

— Que é isso? Pedacoço de você o quê?! Pena é enfeite, ninguém precisa de tanto enfeite assim.

— Enfeite nada! Nasci desse jeito, a gente nasce com os troços que precisa pra viver, se me tiram as penas eu tô desgraçado: morro de frio, de vento, de doença, de esquisitice.

O marinheiro ficou danado da vida:

— Escondo você debaixo da minha cama, reparto minha comida com você, arrisco de levar uma bronca do capitão, e você bota essa banca pra cima de mim dizendo que não me dá pena pra namorada?!

E aí o Pavão não gostou. Mas não gostou mesmo. Afinal de contas, a torneirinha do filtro continuava toda aberta e o pensamento dele estava correndo normal. Se o pensamento estava normal, como é que ele ia deixar os outros se aproveitarem dele e quererem fazer ele de bobo?

— Escuta aqui, você me trouxe à força, eu não pedi. Eu não ia topa viajar no “Vem comigo” se eu tô sabendo que é pra ficar escondido. Você armou essa história toda só pra eu ficar achando que você me fez o maior favor do mundo e que agora eu tenho que ficar depenado pra te pagar o favor. Pois não fico. Não topo. Vou falar com o capitão e dizer que eu entrei aqui por engano. Vou pedir pra descer no porto que vem. Não gosto? Gostasse! — E deu um bruto balanço de cabeça. Pra quê! O filtro balançou também, a torneirinha foi toda pro outro lado, fechou completamente a entrada do pensamento do Pavão, e ele apagou (ficou assim que nem ficava quando acabava, o “show” de Alexandre).

João achou que o Pavão tinha tido um desmaio. Amarrou as pernas dele e deixou ele escondido debaixo da cama. No dia seguinte, quando viu o Pavão de olho aberto, perguntou com voz macia:

— Você vai bem?

O Pavão repetiu:

— Você vai bem?

— Vou.

— Vou.

João achou o Pavão tão calmo, tão diferente, que resolveu puxar outra vez o assunto das penas:

— E as penas?

— Penas?

— Você me dá as penas que eu quero?

O Pavão bocejou (o mar dava sono). João insistiu:

— Dá?

— Dá?

— Dá!

— Dá!

A torneirinha tinha voltado pro lugar de costume; o pensamento do Pavão só pingava de leve. Agora ele ia fazer de novo tudo que os outros mandavam, ia repetir tudo que os outros diziam, não falava mais: "não topo! não quero!" Agora podiam fazer ele de bobo outra vez.

O navio parou no porto. João pediu: com licença? E — ai! — arrancou uma pena do Pavão. E no outro porto — ai! — doeu? — outra pena.

O tempo ficou ruim, deu ventania, veio temporal. O navio jogava tanto que parecia que ia virar. O Pavão rolava pra cá e pra lá debaixo da cama, quase morria de tanto enjoar, não comia, não bebia, só parava de enjoar quando o "Vem comigo" chegava num porto, mas aí: — com licença? — ui! — lá se ia outra pena. E outro porto e outra pena, e outro porto e outra pena — ai! E lá se ia o João das Mil e Uma Namoradas: (com licença?) uma namorada em cada porto, tanto porto que ele nem sabia mais quantas namoradas tinha (com licença? ui!), tanto porto que, quando um dia o "Vem comigo" chegou no Brasil, só tinha sobrado uma pena no Pavão. E assim mesmo murcha, desabada; onde o Pavão passava a pena ia varrendo o chão.

Assim que o navio atracou no porto do Rio de Janeiro, João saiu pra encontrar a namorada carioca. E dessa vez nem mandou o Pavão ficar quietinho debaixo da cama: ele estava todo depenado, já não interessava mais.

O Pavão estava se sentindo tão fraco, tão quase morrendo, que foi indo lá pra fora pegar um pouco de ar e de sol; foi indo sem saber pra onde é que ia, tão magrinho que já quase não andava mais; rolou a escada do navio, caiu no cais.

Todo o mundo que olhava pra ele achava ele um bicho tão esquisito que nem queria olhar mais. Mas lá pelas tantas passou um homem, olhou a única pena que tinha sobrado, e parou: epa! Era um médico de bichos; conhecia eles todos a fundo; viu logo que o Pavão estava doente e maltratado, mas que era um bicho raro. Chamou o Pavão (de torneirinha pingando era só chamar que o Pavão ia) e levou ele pra casa.

E não é que o sujeito que levou o Pavão pra casa também se chamava João?

João II fez um tratamento sério no Pavão: boa comida, exercício, remédio,

massagem. O Pavão achou que a vida em terra firme era muito melhor que a vida em alto-mar. Nem se comparava. As penas nasceram de novo, o Pavão engordou, foi ficando que nem era antes, foi se habituando com o novo dono, e no dia que estava bem bonito e bem habituado, o dono vendeu ele pro jardim zoológico. Por uma nota.

Aí o Pavão voltou a ter de novo a vida que ele tinha no tempo dos cinco donos. Passava o tempo todo andando pra cá e pra lá, se mostrando pros visitantes do zôo. Parava. Abria a plumagem. Às vezes ficava olhando a cerca alta. Com aquele olho parado. Olho de quem não está pensando em nada.

Numa tarde muito bonita — era uma quinta-feira —, sem ninguém pensar que uma coisa assim podia acontecer, roubaram o Pavão.

O ladrão do Pavão se chamava Joca; já era bem velho; todo o mundo tratava ele de "seu".

Há muitos anos que o seu Joca era vigia do jardim zoológico. Ele era um homem cem por cento, vigiava tudo bem que só vendo. No dia que o Pavão sumiu, pensaram uma porção de coisas de uma porção de gente, mas ninguém pensou nada do seu Joca: ele não era capaz de roubar um tostão, ia roubar um pavão? Pois é. Mas roubou. Pelo seguinte: desde mocinho que o seu Joca tocava pandeiro na bateria de uma escola de samba. Quando ele era moço fazia um sucesso danado: virava cambalhota, jogava o pandeiro pro alto, fazia pirueta, todo o mundo gostava de ver. Mas foi ficando velho: jogava o pandeiro pra cima e quem diz que pegava de volta? Era só fazer pirueta que trançava uma perna na outra e se estatelava no chão. Então o pessoal da escola mandou:

— Esquece pirueta, cambalhota, não joga mais nada pro alto, seu Joca. Só batuca e pronto. Tá?

Seu Joca obedeceu. A coisa que ele mais adorava na vida era fazer parte da bateria da escola. Ele não tinha família, morava numa casinha muito ruim, ganhava pouco dinheiro, o trabalho no zôo era chato, a grande curtição era sair com a escola no Carnaval. Então, tudo que diziam pra ele fazer, ele fazia; topava qualquer coisa pra continuar tocando na bateria.

O tempo passou. Seu Joca ainda ficou mais velho; deu pra batucar mal. Um dia, quando ele chegou no ensaio, disseram:

— Agora não dá mais pé, seu Joca. Esse negócio de batuque é coisa pra moço. Aproveita o Carnaval pra ficar em casa descansando. Tá?

Seu Joca foi pra casa de cabeça baixa. Não dormiu a noite toda. Só de tristeza. E a toda hora os vizinhos ouviam um barulhinho — pin: era uma lágrima do seu Joca caindo

no chão.

No dia seguinte, logo que chegou no jardim zoológico, seu Joca foi olhar o Pavão (ele costumava dizer que pra curar tristeza a gente deve olhar coisa bonita). Olhou, olhou. De repente, teve uma idéia maluca; se assustou, nem quis pensar nela outra vez. Empurrou a idéia lá pro fundo do pensamento, mas ela teimou e voltou. E ficou. Era a idéia de roubar o Pavão. De noite seu Joca foi na escola de samba, juntou o pessoal e falou:

— Negócio é o seguinte, nossa escola é pobre, nunca faz boa figura no Carnaval; se a gente tivesse destaque a coisa era diferente, mas destaque precisa de fantasia de luxo, fantasia de luxo custa uma nota alta, quem tem nota alta vai pro Salgueiro, Mangueira, torce o nariz pra uma escola feito a nossa.

— Que tanto blabláblá é esse, seu Joca?

— Negócio é o seguinte, se vocês me deixam na bateria, tocando o pandeirinho que toda a vida eu toquei, eu arranjo um destaque superlegal pra nossa escola.

O pessoal quis ver o destaque. Seu Joca mostrou um retrato do Pavão (tinham tirado uma porção de retratos do Pavão lá no zôo; seu Joca pediu um, ninguém disse que não). O pessoal ficou bobo (era retrato colorido, o Pavão estava uma maravilha); nem acreditaram.

— Você traz ele pra destaque, seu Joca?

— Amanhã mesmo.

— Negócio feito! — e apertaram mão e tudo.

Seu Joca foi pra casa de cabeça alta. Não dormiu a noite toda. Ia ficar na bateria, sair no Carnaval, batucando o pandeiro dele, volta e meia — pin! — era uma lágrima de alegria caindo no chão.

No dia seguinte o coração do seu Joca acordou fazendo um barulho medonho, tuque-tucão! Era nervoso. Nunca tinha roubado um tostão e agora — tucão! — ia roubar um pavão? Roubou. Foi fácil mesmo. Ele era vigia, vigiava todo o mundo, vigiava o Pavão, então? Escolheu um bom momento, explicou baixinho pro Pavão que agora eles iam morar juntos, ia ser uma curtição; o pensamento do Pavão deu uma pingadinha e ele respondeu cochichando também:

— Uma curtição. — E pronto: foi s'embora com o seu Joca.

A vida do Pavão deu uma piorada daquelas. Seu Joca era pobre, a comida era pouca, tudo apertado, o pessoal em volta era pobre também, só conheciam vira-lata, porco e canarinho de gaiola, nunca tinham visto um bicho assim fino e bem tratado feito o

Pavão, perguntavam logo:

— Ele morde?

E o seu Joca, com um medo danado do Pavão bater com a língua nos dentes, respondia:

— É uma fera! Não chega perto, não chega perto.

Seu Joca ia trabalhar no zoológico e trancava o Pavão em casa:

— Fica bem quietinho, viu? Vê se dorme.

O Pavão obedecia, é claro. Ficava ali quietinho. Encolhido. Junto do baú das fantasias.

O baú era pequeno. Mas lotado. E era só abrir a tampa que a casa ficava cheirando a Carnaval. Seu Joca guardava lá dentro tudo quanto é fantasia que ele tinha usado: marinheiro, pirata, legionário, rei zulu, surfista, escravo, um monte delas. Muitas vezes, quando saía pra trabalhar, seu Joca ficava com pena de deixar o Pavão tão sozinho e tão trancado, e então abria o baú e espalhava as fantasias em volta do Pavão. Pra ele ter companhia. Arrumava elas todas como se fossem gente: o escravo de braço levantado, o rei zulu de perna cruzada, o surfista em cima de uma cadeira que fingia de onda. E de tanto olhar pras fantasias, o Pavão se habituou com elas e começou a curtir a companhia. Deu até pra bater papo com o surfista, com o pirata, com eles todos. Era um papo pingado, mas melhor que nada:

— Oi. — Depois de um tempão, continuava: — Tô com uma sede! — Esperava uma, duas horas e perguntava: — E você? — Três horas depois suspirava: — Tô com uma fome! — Suspirava de novo (dessa vez tremidinho). — E você? — E de papo em suspiro ia se distraindo e o tempo passando. Mas quando era tempo de Carnaval a vida do seu Joca e do Pavão dava uma melhorada incrível.

Toda noite eles se juntavam com o pessoal da escola pra ensaiar, cantar, dançar. Tinha movimento, música, tinha uma alegria danada, todo o mundo se juntando na farrá, sumia chateação, pobreza, sumia tudo que é ruim.

Depois chegava a noite do desfile, tanta gente na avenida batendo palma pro Pavão, achando ele sensacional (ele desfilava de máscara, é claro, senão podiam desconfiar que ele era o pavão que tinha sumido do zô), era tudo bom toda a vida.

Mas acabava logo.

Até que um belo dia aconteceu uma coisa muito chata: o seu Joca ficou surdo como uma porta. Batia o pandeiro sem escutar mais som nenhum. Ficou firme, pra ver se ninguém percebia. Mas então eles não iam perceber? Tem um monte de gente tocando

junto, se um toca diferente atrapalha todo o mundo. Chamaram o seu Joca:

— A gente fica com muita pena, seu Joca, mas agora não dá mais pé. O senhor deixa pra tocar o seu pandeirinho em casa. Tá?

E acharam que o seu Joca ia embora, mas que o Pavão ficava. Acharam mal. Foi só mandarem o seu Joca embora, que aconteceu uma coisa muito impressionante: ele começou a sentir um bruto arrependimento de ter roubado o Pavão lá do zôo. Deu pra pensar nas crianças que iam até lá pra ver o Pavão, coitadinhas, e não viam mas é nada. Ficou tão arrependido que resolveu levar o Pavão de volta.

Lá em Copacabana tinha uma família que morava em frente ao mar numa casa linda de azulejo português e telha francesa. Era uma das últimas casas na praia, o resto todo já tinha vindo abaixo pra fazer edifício de apartamento. A casa ficava no meio de um jardim que era uma beleza: todo plantado com grama inglesa. E a família mandou buscar flor holandesa pra plantar tudo em volta. Depois botaram um muro bem alto pra ninguém espiar pra dentro, e mais um pastor alemão preso numa corrente, pra latir e meter medo na hora de alguém entrar. Aí, os amigos da família disseram que um gramado assim tão bonito precisava de um bicho lindo que nem pavão, andando pra cá e pra lá. Então botaram um anúncio no jornal dizendo assim:

Precisa-se de um pavão para passear na grama (inglesa) de um jardim, das 8 às 22 horas. Casa de fino trato.

Paga-se bem.

Seu Joca leu o anúncio no dia que ia levar o Pavão de volta pro zôo. E logo depois leu a notícia de um médico que andava fazendo uma operação legal no ouvido: quem era surdo ficava ouvindo até vô de mosca. A operação custava caro; seu Joca não tinha dinheiro. Aí, de repente, aconteceu uma coisa muito impressionante: o arrependimento do seu Joca começou a sumir. Pensava nas crianças que iam ver o Pavão no zôo e resmungava.

— Tanto bicho lá pra ver, pra que que precisa ver pavão também?

E na hora que o arrependimento sumiu todo, seu Joca pegou o Pavão e os dois atravessaram a cidade.

Quando o seu Joca tocou a campainha da casa de Copacabana, o Pastor Alemão latiu, a família apareceu, ficou maravilhada com o Pavão, viu logo que ele era coisa estrangeira muito fina, perguntou quanto é que custava, seu Joca bateu no ouvido

pra mostrar que era surdo, o dono da casa esfregou um dedo no outro, seu Joca sabia que tem gente que só gosta de coisa bem cara e então pediu um dinheirão pelo Pavão, a família ficou entusiasmada com o preço, mas como o seu Joca era bem pobre ofereceram a metade, quem sabe ele topava? e como o seu Joca era bem pobre, topou.

Seu Joca e o Pavão se abraçaram e nunca mais se viram.

O Pavão passeava no gramado o dia inteiro. Bem devagar. Lindo! Só ele. E o Pastor Alemão preso na corrente. Quando o Pavão ia chegando perto, o Pastor desatava a latir. O Pavão quase morria de susto; num instante aprendeu a não passear perto do cachorro. Um empregado trazia água e comida pros dois; depois sumia. A família ia viajar, sumia. O muro bem alto. Mais nada. Ninguém.

O Pavão deu pra sentir uma coisa ruim dentro dele. Assim que nem sentir fome, sede, frio. Ele não sabia direito que coisa era aquela porque ele não pensava direito. Mas sentia. Sentia a tal coisa ruim. Era a vontade de ter um amigo, uma amiga, estava sozinho demais. Quando a vontade apertava ele parava no meio da grama inglesa e dava uns gritos. Mas não aparecia ninguém. Então ele dormia. Dormia sempre cedo. Mas uma noite o Pastor Alemão latiu tanto que ele acordou. Era uma noite de lua cheia. Tão clara que dava pra ver tudo. E ele viu direitinho quando a Gata da Capa entrou no jardim.

A Gata da Capa andava sempre enfiada numa capa de chuva abotoada até o pescoço e meio que arrastando no chão. A capa tinha capuz. A Gata puxava o capuz pra cabeça e levantava a gola da capa. Ficava até parecendo que ela queria se esconder. E era justo o que ela queria: se esconder.

A Gata era bem bonitinha, pensava normal, tinha um jeito de andar que era uma delícia: parecia uma ginástica devagar; falava baixinho, com uma voz meio rouca, gostosa à beça de ouvir. Mas mesmo assim ninguém queria saber da Gata da Capa. Simplesmente porque ela era vira-lata. E diziam que vira-lata tinha pulga, sujava tudo; diziam que vira-lata pegava: era só bater muito papo com um vira-lata pra gente ir se vira-latando também. E então enxotavam a Gata da Capa de tudo quanto é lugar. E por isso ela se escondia na capa de chuva, e levantava a gola, e puxava o capuz, e vivia procurando um lugar pra se esconder ainda melhor do que a capa. Até que um dia encontrou o porão da casa pra onde o Pavão tinha ido.

O porão só servia pra guardar móvel velho e bagulho; ninguém da casa ia lá. Bem em cima, na parede, tinha uma janelinha redonda, que por fora ficava rente ao gramado. Era uma janelinha com grade pra nem gente nem bicho entrar. Só ar. Pra

ventilar. Mas a Gata da Capa era magrinha, dava justo pra ela passar. Um dia a Gata estava fugindo de um cachorro, entrou por debaixo do portão, escapou por um triz do Pastor Alemão, viu a janelinha do porão, se espremeu e entrou. Ficou encantada com o esconderijo! Tinha poltrona velha e macia pra ela fazer de cama e dormir; tinha camundongo que às vezes entrava e era um tal de brincar de pegar; tinha uma cesta — grande — cheia de linha e de lã, se estava quente ela fuçava linha, se esfriava sumia pra baixo da lã; tinha uma faixa de sol, que em dia bonito riscava o chão, e que deixava a Gata vibrando: a coisa que ela mais adorava era se espichar no meio da faixa, e ficar dorminhocando no sol, sabendo que estava ali bem guardada, sem perigo de ser enxotada.

Com tanta lua cheia o Pavão viu muito bem quando a Gata entrou no porão. Mas com o tal de pensamento pingado, nem ficou intrigado nem nada. Só viu ela entrando e pronto. No dia seguinte de manhã viu a Gata saindo. De tardinha viu ela voltando. No outro dia quando ela passou por ele disse "oi", ele repetiu "oi". E todo dia via a Gata, ou saindo ou voltando. Até que uma bela noite a torneirinha do filtro abriu de novo (fazia tempo que não abria), e foi só abrir que bateu uma curiosidade danada no Pavão; ele ficou louco pra saber que gata era aquela que todo dia sumia no porão. Se encostou na janelinha e fez jeito de distraído. De manhã cedo ouviu uma voz rouca, gostosa:

— Com licença? o senhor tá tapando o meu caminho.

— Ah, que é isso? não me chama de senhor, fica parecendo até que eu sou velho.

— Velho não. Mas é rico.

— E daí?

— Pensei que bicho rico assim a gente tinha que tratar de senhor.

— Que nada.

— Ah bom, então com licença? você tá tapando o meu caminho.

— Como é que você se chama?

— Gata da Capa.

— Nome esquisito. É de nascença?

— Apelido. Pegou depois que comecei a me esconder aqui na capa.

— Tão comprida, tão abotoada, tão encapuzada, nem posso ver você direito.

— Não perde nada: não sou assim bonita e rica que nem você. (E aí ela desabotoou um pouquinho a gola da capa.)

— Pois olha, você tá parecendo muito legal. E vou te contar, essa voz rouca que

você tem é genial: faz cosquinha no ouvido da gente.

A Gata riu. Nunca tinha pensado que a voz dela dava cosquinha. E falou: — Ah, que delícia! — sem pensar. Só pra falar qualquer coisa e brincar de fazer cócega (e baixou um pouquinho o capuz).

O Pavão ficou sério:

— Você mora aí embaixo?

— Moro. É o porão da casa. Mas tá sempre trancado, ninguém aparece aí. — Baixou a voz. — Não conta pra ninguém que eu moro no porão, viu?

— Pode deixar.

— Eu moro aí escondida. Se descobrem me enxotam. Que nem lá fora.

— Te enxotam?!

— Claro, eu sou vira-lata.

— Mesmo?

— Você não viu logo?

— Não.

— Ah, por causa da capa. — (E levantou mais um pouquinho a gola.) — Você não sabe como é difícil escapar viva todo dia e voltar pro meu porão.

— Aí dentro é bom?

— Um ba-ra-to.

O Pavão riu: quando ela falava separando os pedacinhos da palavra ainda fazia mais cócega. Ela jogou o capuz pra trás e o Pavão olhou bem pra ela. Parou de rir e perguntou:

— Mas se aí dentro é tão bom, pra que que você sai?

— E como é que eu vou comer? e beber? pra viver? se eu não saio do meu porão? tenho que caçar comida, não tenho?

O Pavão suspirou fundo. Que olho bonito que ela tinha, era verde era amarelo era o quê? Pediu:

— Conta mais da tua vida.

E a Gata então contou como desde pequenininha a vida dela era difícil. Sempre revirando lixo atrás de comida. E cada vez mais vira-lata procurando comida também. Suspirou:

— Lá fora sai cada briga por causa de comida que eu vou te contar. E ainda por cima tenho que escapar de carro, de ônibus, de gente que enxota a gente, de carrocinha, de gato mais forte, de cachorro, chi!... — se encolheu dentro da capa — tenho que

escapar de tanta coisa que quando chego aqui no meu porão tô de língua de fora.

— Tadinha.

— Depois que eu me enfiei na capa, a minha vida melhorou um pouco: quando vão me enxotar ficam assim meio espantados pensando que bicho que eu sou, e enquanto isso eu tenho tempo de fugir. Mas a grande melhorada foi quando eu descobri esse porão.

— Faz tempo?

— Mês passado; ainda nem deu pra me acostumar direito. — E foi contando pro Pavão tudo que ela curtia lá dentro: almofada, faixa de sol, cesta de linha e de lã. O Pavão não dizia uma palavra. Só ouvia. E olhava pra ela. E volta e meia espremia uma risada por causa da cócega no ouvido. E lá dentro do peito uma sensação gostosa, que ele nunca tinha sentido antes, crescendo, crescendo, crescendo, até que lá pelas tantas ele não agüentou mais e desabafou:

— Ai! Tô amarrado em você!

E aí aconteceu uma coisa muito boa: a Gata da Capa também se amarrou no Pavão. Só queria ficar batendo papo com ele, curtindo as histórias que ele contava, dando uma choradinha cada vez que ele avisava que, de repente, a torneirinha do filtro ia fechar.

Fechou. Mas daí pra frente, cada vez que o pensamento do Pavão pingava, era um pingo de Gata da Capa.

De repente, um grupo de gente entrou no jardim e parou no meio da grama inglesa. Um pessoal bem vestido, bem penteado, todos de maleta bonita, bem nova, fininha, de fecho dourado. Falaram, falaram, falaram. Os donos da casa chegaram perto e falaram, falaram, falaram também. O Pavão, a Gata e o Pastor Alemão não entenderam nada: todo o mundo só falava número. Cada número alto toda a vida. Um milhão, dez milhões, vinte, cinqüenta, cem, trezentos, quando chegou no bilhão a Gata foi dormir na faixa de sol e o Pavão e o Pastor pegaram no sono também.

O grupo bem penteado e bem vestido foi embora com tudo resolvido, tinham comprado a casa, iam fazer um edifício enorme de apartamentos. Ficaram numa pressa danada de arrasar a casa, o jardim, tudo. A família se mudou correndo. Chegou um bruto caminhão pra carregar os móveis, e já chegou junto com trator e máquina e operário. Ainda nem tinham acabado de tirar os móveis da casa e o trator já estava revirando o gramado, derrubando árvore, empurrando a terra. O pessoal da mudança veio com um engradado, botou o Pavão dentro, ele não entendeu o que é que estava acontecendo, quando viu que iam separar ele da Gata da Capa gritou, gritou, mas na confusão de tanta

gente e tanta máquina destruindo tanta coisa, ninguém ouviu nem ligou. O trator derrubou mais árvore. Foram carregando o engradado pro caminhão. O Pavão viu o trator empurrando aquele monte de terra, de toco e de tronco pra junto da casa. O monte crescendo, crescendo, o trator empurrando, empurrando. Até que de repente — Gata! Gata! (era o Pavão gritando) — a janela do porão sumiu atrás do monte de terra, de toco, de tronco, e pronto: a Gata da Capa ficou presa lá dentro. Botaram o engradado junto com os móveis, fecharam o caminhão e foram embora. Foi só o caminhão ir embora que começaram a botar a casa abaixo.

Levaram o Pavão pra casa de uns amigos da família. Cada vez que o pensamento dele pingava era pra lembrar da Gata na janelinha do porão.

Um dia o Pavão saiu de casa. Foi indo. Sem saber pra onde é que estava indo. Mas foi indo. Viu o mar lá na avenida Atlântica. Foi indo. Quando o pensamento pingava ele lembrava da Gata. E continuava indo. Acabou chegando na antiga casa. Não tinha mais portão, nem gramado, nem casa. Só um buraco imenso pras fundações do edifício novo que ia subir. O Pavão ficou parado olhando o buraco. Ficou tanto tempo olhando que foram saber o que é que ele queria.

— Quero a Gata da Capa. Ela tem que sair do porão da casa.

Perguntaram que casa: não tinha casa nenhuma ali... Ele repetiu:

— Quero a Gata da Capa. Ela tá no porão.

Riram. Acharam que o Pavão era maluco. E um operário, só de brincadeira, falou:

— Olha, você errou de endereço. A Gata que você tá procurando fugiu daqui e agora mora num outro porão.

O Pavão ficou olhando pra ele. Depois perguntou:

— Cadê a Gata?

— Tá numa casa que fica nessa direção. Vai em frente. Vai indo.

— Indo?

— Toda a vida.

O Pavão foi indo. Nem viu que ficaram rindo dele. Foi seguindo toda a vida atrás da Gata da Capa. E na estrada encontrou Alexandre. E os dois foram indo. Toda a vida.

Alexandre viu uma saia de prega entre ele e Vera; e uma blusa branca, e um pescoço com correntinha, e um rosto meio desconfiado.

— Oi, mamãe! Olha, esse é o Alexandre. E aquele ali é o Pavão. Essa é a minha mãe, Alexandre.

— A senhora tá boa?

O Pavão suspirou tremidinho, andou com cuidado pra perto da mãe de Vera e abriu a plumagem. Ficou parado. Como quem está brincando de estátua. A mãe de Vera se entusiasmou:

— Como ele é bonito!

— Não disse pra você?

A mãe de Vera examinou Alexandre, sorriu, mostrou o relógio pra Vera:

— Vamos, minha filha? Olha, tá na hora de fazer dever.

— O Alexandre estava me contando a história do Pavão.

— Que pena, Alexandre! Mas não vai dar pra Vera ficar mais, viu? Ontem ela já não estudou direito, hoje também não... Está na hora da brincadeira acabar e começar vida séria de novo. Mas você pode dormir aí na casinha das ferramentas. Não tem problema. Você e o Pavão. Como ele é bonito! Amanhã Vera vem se despedir de você e você conta o resto da história, tá? Vamos, Vera. — E as duas foram embora.

No outro dia o céu estava escuro, a toda hora trovejava. Quando Vera e Alexandre se encontraram ele logo perguntou:

— Você vai viajar?

— Eu não, por quê?

— Tua mãe disse que você vinha se despedir de mim.

Vera ficou pensando o que é que ia dizer. Os pais tinham resolvido que estava na hora de Alexandre e o Pavão irem embora: já tinham dado comida pra eles, já tinham deixado eles ficarem um dia e uma noite no sítio. Deram um dinheiro pra Vera: "Toma, minha filha, dá pro Alexandre. Com esse dinheiro ele pode comprar comida uns dois ou três dias." Vera empurrou o dinheiro mais pro fundo do bolso; estava com vontade de tudo, menos de dizer pra Alexandre ir embora. Suspirou:

— Quer minha merenda? Não é muita coisa mas quebra um galho. Meu pessoal achou melhor eu parar com essa história de trazer comida pra vocês, sabe? Eles falaram que depois vocês habitam e não vão mais embora. Alexandre só disse "hmm", mas o Pavão repetiu:

— Vocês habitam e não vão mais embora.

Alexandre esfarelou o pão e foi dando pro Pavão. Devagar. Testa franzida. Tinha entendido: "ele" é que tinha que viajar; não queriam mais ele ali; comida era caro; e não era só ele comendo, era ele e o Pavão. Teve uma idéia:

— Escuta, me disseram que tem uma cidade grande aqui perto. Eu vou lá fazer o

“show” e volto. A gente ganha dinheiro, compra comida, teu pai e tua mãe não precisam mais gastar comida com a gente, e aí pronto: eles não vão se importar da gente ficar mais uns dias aqui. Que tal?

— É...

Desatou a chover. Os três correram pra baixo de uma mangueira. A chuva foi apertando, apertando. Alexandre viu que não dava pra ir fazer o “show” na tal cidade; Vera achou que com tanta chuva os pais não iam insistir pra Alexandre ir embora.

— Fica, viu, Alexandre?

— Tá.

E ela voltou correndo pra casa.

Choveu o dia todo sem parar. O pai e a mãe de Vera acharam que Alexandre tinha ido embora; nem perguntaram nada. E Vera também ficou quieta. Só pensando em Alexandre e no Pavão. Puxa, eles deviam estar com uma fome danada. E aí resolveu passar o dia também sem comer. Só pra ver como é que era.

Quando acordou de manhã, viu um céu bem azul, e foi logo sentindo um buraco enorme na barriga. Pegou um pão na cozinha e correu pra casa de ferramentas. A porta estava aberta, tinha um bilhete no chão:

Fui fazer o “show” na tal cidade.

Mas depois a gente volta.

Um abraço do Alexandre.

O pai de Vera estava trabalhando perto, e só de olhar pra ele, Vera viu que ele tinha visto o bilhete. Mas nenhum dos dois disse nada. Alexandre e o Pavão voltaram pro sítio só no fim da tarde. Estavam exaustos: a cidade era um bocado longe, andaram horas pra ir e voltar. Alexandre estava começando a contar pra Vera como é que tinha sido o “show” quando a mãe dela chamou. Os dois fingiram que não tinham escutado. Ela chamou de novo. E de novo. Vera suspirou:

— Vou indo, é melhor.

— Você volta depois?

— Vou ver se dá jeito.

Não deu.

No outro dia, Vera chegou cedo na casinha de ferramentas. Estava tudo fechado, Alexandre e o Pavão na certa ainda estavam dormindo. Viu a caixa de sorvete debaixo de

uma árvore, Alexandre nem tinha se lembrado de guardar as coisas dele. Deu uma voltinha por perto, pensando se batia na porta ou não. Tinha alamanda por todo lado; ô trepadeira bonita! Ela adorava aquela flor. Pegou uma pra cheirar. Era um perfuminho bem fraco, mas gostoso. Resolveu abrir a caixa e botar a flor lá dentro: na hora de Alexandre abrir a mala, tudo ia estar perfumado, panela, garfo, livro; e ainda por cima ele tinha uma flor pra olhar. Voltou pra junto da porta. Tudo continuava quieto. De repente, ela achou que não dava pra esperar mais. Bateu. E mal Alexandre apareceu ela entregou o dinheiro pra ele:

— Toma. É pra você comprar comida uns dias.

No princípio ele nem entendeu; ficou olhando pra ela. O Pavão saiu de casa, abriu a plumagem e ficou fazendo pose.

— Toma. Pega.

Alexandre pegou o dinheiro:

— É pra eu ir embora; é?

— É.

— Quando?

— Agora.

— Já?

— É.

Ele dobrou o dinheiro devagar, botou no bolso:

— Por que que eles não gostam de mim, hem?

Ela respondeu depressa, louca pra dizer de uma vez tudo que tinha pra dizer:

— Eles gostam. Eles acham você legal. E eles acham o Pavão muito bonito. Mas eles também acham que esse negócio de você viver à toa na estrada não dá pé. Não dá pé eu ser amiga de um garoto que vive à toa na estrada. Você entende? entende?

Alexandre ficou no maior espanto. E quando ele se espantava ficava parecendo que ele estava zangado: a testa franzida, o olho arregalado, a voz meio gritada:

— À toa na estrada o quê?! Então você não contou pra eles que eu tô indo pra casa da minha madrinha?

Vera virou a cara, não respondeu. Ele insistiu:

— Mas, hem? Você não disse?

— O quê, Alexandre?

— O quê, o quê, ora o quê! Você não disse que a gente tá viajando? que tá indo pra casa da minha madrinha? eu e o Pavão?

— Disse! Claro que eu disse.

— E então?

— Então o quê?

— Então! Como é que eu tô à toa na estrada se eu tô indo visitar a minha madrinha?

— Bom...

— Bom... Bom... Bom...

— Quer parar de me imitar?

— E você quer parar com essa história de não responder direito?

— Mas responder o quê?

Aí ele perdeu a paciência e zangou mesmo:

— Como é que eu tô à toa na estrada se eu tô indo pra casa da minha madrinha?!

Vera não gostava quando gritavam com ela; zangou também:

— Mas tá na cara que você não tem madrinha nenhuma! Aquilo tudo foi história que o Augusto inventou pra você dormir! — E foi só acabar de falar que já bateu um arrependimento danado: "puxa vida, pra que que eu fui falar? pra quê!"

Alexandre ficou parado olhando pra ela. Querendo entender. Tanto tempo parado, que Vera foi ficando na maior aflição, pra que que ela tinha falado?

Ele chegou perto dela e perguntou baixo, devagar:

— Tá na cara? Mas por que que tá na cara?

— Porque tá, ué.

— Porque-tá-ué não é resposta. Quero saber por quê. Por quê!!

Quando ela foi responder sentiu um nó na garganta; ficou quieta. Ele agarrou ela pelo ombro e sacudiu ela com força:

— Quer fazer o favor de responder, quer!

— Bom, eles falaram que...

Alexandre soltou Vera:

— "Eles? Eles"? — O olho brilhou. — Foi teu pai e tua mãe que falaram que tá na cara que eu não tenho madrinha nenhuma?

— Foi.

— Aaaaaah bom! — E aí pronto: esqueceu mágoa, zanga, tudo; não ligou mais a mínima. — Você devia ter dito logo que eles é que falaram. Por que que você não disse?

— Mas...

— Nem tô mais interessado. Já tinham me avisado que gente grande tem uma inveja danada de madrinha de gente pequena.

Vera estava muito espantada:

— Quem disse?

— Ora, todo o mundo sabe que madrinha só curte afilhado pequeno; cresceu, pronto: madrinha não liga mais. Então tudo que é gente grande vive por fora dessa história de madrinha. E aí já viu, não é? Bate a inveja.

— No duro?

— Inveja grossa. O Augusto já tinha me avisado dessa história. E é só bater a inveja que eles começam a querer sumir com a madrinha da gente. É isso. No princípio eu fiquei chateado porque eu pensei que você é que tava achando que eu não tinha madrinha.

— Não! Foram eles que...

— Eu me lembro direitinho quando o Augusto falou: olha Alexandre, gente grande gosta de bombardear essas coisas, viu?

— Fez uma festinha na cabeça de Vera. — Mas não liga pra isso não, viu? Eu te prometo que eu não fico chateado nem com o teu pai nem com a tua mãe. Eu entendo essas transas, não tem problema.

— Ah bom, se você entende...

— Entendo, sim. — Fez outra festinha nela ("tão gostoso fazer festinha na Vera"): — E olha, eu entendo também que é melhor ir embora de uma vez, não é?

— Bom...

— É melhor, sim. Esse negócio da gente ir fazer o "show" não sei onde e depois voltar pra cá não dá pé: cansa demais. Vera começou a riscar o chão com a ponta do sapato. Falou sem levantar a cabeça:

— Pois é, eu também queria te dizer que a gente vai passar o fim de semana fora.

— Ah é?

— Meu pai resolveu de repente.

— Sei.

Ficaram sem dizer mais nada. Só vendo os riscos no chão.

O Pavão suspirou tremidinho.

De repente, Alexandre e Vera se olharam. E aí Alexandre resolveu ir embora de

uma vez e pronto. Mas quando foi dizer tchau, saiu uma pergunta que ele nem estava esperando nem nada:

— Vamos andar a cavalo?

— Onde é que tem cavalo?

— A gente inventa um.

Ela olhou o relógio. Ele pegou uma folha e tapou o mostrador. Ela riu; ele repetiu:

— A gente inventa um cavalo.

— Então tá. Como é que ele vai ser?

— Amarelo.

— Ele podia ser todo amarelo mas com o rabo cor de laranja.

— Certo.

— Ele vai ter asa?

— Pra quê?

— Pra gente sair logo voando.

— Nem vai precisar, ele vai ser bom de galope.

— E como é que ele vai se chamar?

— Ah.

— O quê?

— Ah.

— Ah?

— Mas não é Ah assim! Ele se chama um Ah gritado. Com força. Assim, ó:

Aaaaaaaaaaaaah?

— Mas o nome dele é esse mesmo?

— Não tá acreditando? Chama só pra você ver.

— Ah!

— Não! Você não tá dizendo direito. É assim, ó: — E berrou de novo —

Aaaaaaaaaah!

O Pavão gritou junto; parecia até um eco. E só aí é que Vera gostou mesmo do nome. Berrou também:

— Aaaa... — Mas parou o grito. Ainda sem acreditar. — Será que chamando ele vem?

Chamaram juntos. Com toda a força.

— Aaaaaaaaaaaaaah!

E o cavalo apareceu. Amarelo até não poder mais. E o rabo cor de laranja

arrastando no chão. Alexandre pulou pra cima dele, ajudou Vera e o Pavão a subir. E pronto, o Ah já saiu galopando. Era um galope adoidado, o rio logo chegou. Vera e Alexandre mal tiveram tempo de se agarrar ainda mais um no outro e na crina do Ah. O cavalo deu um pulo espetacular, passou por cima do rio, bateu na outra margem, ainda pegou um resto d'água que respingou pra todo lado. E lá se foi. Galopando, galopando, galopando. Varou o pomar num instante, passando rentinho dos galhos. Vera, Alexandre e o Pavão abaixavam a cabeça, entortavam o corpo pra ver se escapavam de espinho, de galho, de tudo; gritavam de susto, de medo, o galope era doido demais. O Ah escutava os gritos, mas no barulho do galope e do vento, achava que estavam gritando pra ele correr ainda mais, e então corria, corria, corria cada vez mais.

O pomar ficou pra trás, chegou o capinzal, Alexandre apontou a cerca pertinho, Vera se apavorou:

— Pára! Volta! Pára!

Mas o Ah nem ligou. Alexandre puxava a crina dele, pra ver se ele pensava, se ele parava, mas quem diz que ele ligava? e a cerca chegando, chegando, chegando.

— Pára! Pára!

Vera fechou os olhos: não queria ver mais nada. Mas quem sabe era sonho e abrindo os olhos passava? Abriu. E viu acerca bem na frente. Alta. Cheia de espinhos. Feia. Pra todo o mundo ficar com medo e não passar. O Ah nem pestanejou: armou o pulo e passou. Foi só ele passar que o sol sumiu. E ficou tudo bem de noite.

Eles ficaram parados no escuro fazendo uma força danada pra enxergar e escutar qualquer coisa. Mas nada fazia barulho nem se mostrava.

De repente, os três começaram a sentir uma coisa esquisita; se agarraram ainda mais no cavalo, Alexandre cochichou:

— Vera! Você tá sentindo o que eu tô sentindo?

— O Ah tá sumindo; é isso que você tá sentindo?

— É.

Ficaram quietos de novo, olhando o escuro com medo, e sentindo na frente, atrás, dos lados o Ah sumindo.

— Agarra ele, Alexandre!

— Não dá.

— Faz qualquer coisa.

— Não dá, ele tá desinventando.

Os três foram baixando, baixando, os pés foram tocando no chão, as pernas já

não tinham onde montar, Alexandre gritou:

— O Ah sumiu!

Tatearam em volta. Não acharam mais nada. Vera chegou mais pra junto de Alexandre:

— Ele desinventou sozinho?

— Foi.

— Como é que pode?

— Não sei.

— Mas Alexandre, como é que a gente vai embora daqui sem o Ah?

— Não sei, não sei.

— Você inventou ele uma vez; inventa ele de novo.

Mas Alexandre estava apavorado, e então pensava e pensava, mas não saía mais invenção nenhuma.

— Não sei mais inventar cavalo.

— Você sabia!

— Mas agora não sei mais, o que é que eu posso fazer?

— Não precisa falar assim comigo.

— É você que tá gritando comigo.

— Eu não!

— É você, sim!

— Só tô dizendo pra você inventar outra vez o Ah.

— Mas eu já disse que não sei mais!

— Então inventa outra coisa pra levar a gente embora daqui.

— Não sei, não sei!

— Inventa uma lua pra clarear.

— Não sai mais nada.

— Inventa uma coisa pra fazer barulho e pra gente não ficar achando que é só a gente que existe.

— Inventa, inventa! Por que que “você” não inventa, hem?

— Porque também não sai.

— Não me agarra desse jeito.

— É você que tá me agarrando.

— É você!

— É você! Não começa você também a se agarrar em mim, Pavão.

— Me larga, Vera!

— Não empurra, Alexandre!

— Me solta!

— Me solta você!

Se soltaram.

— Alexandre, eu tô com medo.

— Eu também.

E um se agarrou no outro de novo, e o Pavão se agarrou nos dois. Ficaram quietos. Mas ficar sem dizer nada ainda era pior.

E então Vera falou baixinho:

— Tá vendo? Bem que eles disseram que a gente não podia passar pro lado de cá da cerca. É castigo.

— Castigo?

— Castigo, sim.

— O que é que é castigo?

— Esse escuro todo.

— Mas castigo por quê?

— Porque disseram que a gente só podia ir até a cerca. E a gente passou.

— Mas por que que o escuro é castigo?

— O escuro é ruim, a gente tem medo dele.

Alexandre ficou quieto. Depois perguntou:

— E a gente perdendo o medo do escuro? o castigo acaba?

— Como é?

— A gente perdendo o medo, não fica mais pensando em castigo nenhum, aposto.

O Pavão suspirou tremidinho. Vera cochichou:

— Mas como é que a gente vai perder o medo se tá com um medo danado?

— Pois é.

E o Pavão repetiu:

— Pois é.

De repente, de tanto falar no medo, ficaram com a impressão certinha de que o medo estava bem perto; era só estender a mão que pronto: tocavam nele. Então Alexandre falou cochichado (para ver se o medo não ouvia):

— Parece que eu tô todo amarrado. É o medo que deixa a gente assim, não é?

— É.

Os três se encolheram. Pra dar mais lugar pro medo, pra não encostarem nele. Ficaram assim um tempão. Depois Alexandre resolveu:

— Quer saber do que mais? Eu não deixo ele me amarrar, não deixo. — Se soltou de Vera e foi tateando em volta. — Aqui desse lado ele não está.

— Cuidado, Alexandre!

— E desse lado também não. — Arriscou uns passos. — Aqui ele também não está. Nem aqui. — Foi indo pra mais longe; se desamarrando, desamarrando. Mas Vera continuava tão amarrada que nem respirava direito; achava que respirando normal encostava no medo. Guardou a mão no bolso pra ainda ocupar menos lugar; encontrou um pedaço de giz; apertou ele com força e o giz se partiu em dois. Com um barulhinho gostoso mesmo. Barulhinho de escola. Vera lembrou da professora quebrando um pedaço de giz e escrevendo no quadro-negro. Pensou: quadro-negro é escuro assim. Quem sabe o giz também riscava a escuridão?

Tirou a mão do bolso devagarinho. Tomou coragem e experimentou desenhar na frente dela a roda de um sol. E não é que saiu? Vera ficou tão feliz que berrou:

— O escuro é que nem quadro-negro, Alexandre!

Alexandre foi pra junto dela; pegou o outro pedaço de giz, e foi desenhando também. Uma casa. Uma árvore. Uma onda no mar. Quanto mais os dois desenhavam, menos iam se importando com o escuro. Fizeram uma flor nascendo, um rio correndo, dois besouros se encontrando; fizeram cada desenho lindo. E quanto menos se importavam com o escuro, mais gostoso iam desenhando. De repente, Alexandre teve uma idéia gozada:

— Vou desenhar a cara do medo.

Vera se assustou de novo:

— Psiu! fala baixo.

— Por quê?

— Ele pode não gostar da idéia.

— Mas ele ainda anda por aí?

— Acho que sim.

Alexandre achou melhor não dizer mais nada, mas começou a desenhar uma cara esquisita, toda inchada de um lado:

— O medo tá com dor de dente. — E riu baixinho.

O Pavão gostou tanto de ouvir Alexandre rindo, que riu também.

Vera entrou na brincadeira: desenhou no medo uma orelha inchada e disse que ele estava com dor de ouvido também. Alexandre desenhou do outro lado uma orelha desse tamanho:

— Desse lado ele é surdo.

Vera falou pro medo:

— Palhaço! — (Mas falou no ouvido surdo, achou mais garantido.) E desenharam na cara do medo dois narizes, um olho só e três bocas; botaram um chapéu medonho na cabeça; um colarinho de palhaço no pescoço; fizeram na testa uma conta de dividir bem marota; no lugar do bigode botaram uma borboleta; em vez de barba penduraram uma teia de aranha no queixo. E não se importaram mais se o medo ia ouvir ou não: desabaram numa gargalhada. Andaram pra trás pra ver melhor o desenho, tropeçaram no Pavão, caiu todo o mundo no chão, aí mesmo é que quase morreram de rir. O Pavão então era o que ria mais; rolava no chão. E quando acabaram de rir tudo que tinham vontade, Alexandre levantou e desenhou uma porta. Com maçaneta, fechadura, chave e tudo. Num pulo, Vera rodou a chave na fechadura, abriu a porta e os três saíram do escuro.

Do outro lado da porta tinha uma estrada iluminada por uma lua cor de abóbora. A estrada estava toda esverdeada e amarelada: alua era da cor da casca da abóbora e não da abóbora por dentro. E dos lados da estrada era tudo cheio de árvore. Também da cor da lua.

— Vera, olha só quem tá aí!

Era o Ah. Encostado numa árvore, mastigando um capim. Com cara de quem estava esperando os três. Foi só eles chegarem junto, que o Ah já se abaixou e — upa! — os três montaram outra vez. E como a estrada era bonita demais, o Ah foi andando sem pressa nenhuma, com um jeito meio gingado, bem maneirado, um jeito assim de quem tá contente e quer dançar. Vera, Alexandre e o Pavão se olharam, um piscou o olho pro outro, e lá se foram também gingando, e meio que requebrando, naquele balanço do Ah. Que legal. Quanto mais eles iam andando, mais bonita a estrada ia ficando, e a lua cada vez brilhava mais. E aí, de repente, chegou uma curva no caminho. Uma curva tão fechada que o Ah virou o corpo pra dobrar, e os três viraram também falando ôooooooooo (só de brincadeira), e foi só o Ah dobrar pra parar. Pra poder olhar. E vibrar.

Lá na frente tinha um morro pequeno. Redondo e cheio de flor. Flor alta, baixa, rentinha no chão, dava um vento e elas iam pra lá e pra cá. E tinha também um caminho que ia subindo e virando no meio daquele mundo de flor. De um lado do morro, tinha uma

floresta grande onde a lua estava querendo entrar, e era só olhar pras árvores — cada uma grande assim — que a gente ficava logo sabendo que lá no meio delas tinha cascata, rio, gruta, caverna, coisa à beça pra descobrir. Do outro lado do morro vinha saindo um sol de dentro do mar. Mar claro, de onda mansa e água morna. Bem em cima do morro, meio tapada de flor, tinha uma casa bem branca, com uma janela de cada lado, e mais uma porta azul.

Alexandre meio que ria, meio que se engasgava com tanta alegria, e Vera só dizia:

— E eu que pensei que você nunca ia chegar lá.

O Pavão começou a se sentir muito feliz. Então deu vontade de espreguiçar. Ficou em pé em cima do Ah e foi esticando a plumagem devagar. Pena que ninguém olhou pra trás, pra ver que bonito que ele estava assim todo espreguiçado. Alexandre apertou a barriga do Ah pra ele ir andando de novo, o Ah se assustou, galopou, e lá se foi o Pavão no chão, um trambolhão medonho, com pena esticada e tudo. Mas não quebrou nada, ainda bem; e depois que ele montou de novo, o Ah foi volteando o morro na calma, um cheiro tão forte de flor que os quatro ficaram até meio tontos.

— Olha a flor amarela no peito da porta azul!

Aparearam. O Ah já foi vendo uma graminha jóia, bem ali do lado da casa, e correu pra experimentar. Vera cochichou pra Alexandre (era segredo, ela não podia falar alto):

— Vê se a chave tá mesmo guardada no fundo da flor.

— Não é melhor primeiro tocar a campainha!

Tocaram. Esperaram. Ninguém apareceu. Alexandre bateu palma, chamou alto:

— Minha madrinha! Minha madrinha!

Nada. Só se ouvia o vento no mato e uma ondinha atrás da outra chegando lá embaixo na praia. Então Alexandre enfiou a mão na flor e tirou a chave lá de dentro. Olhou pra Vera na maior alegria. E foi só rodar a chave que a porta azul abriu bem devagar, igualzinho como o Augusto tinha dito. Alexandre chamou outra vez bem alto:

— Minha madrinha! Minha madrinha! — (E o Pavão também chamou.)

Nada. Nada, não: o relógio grande, comprido, de pé, batucava o tempo (gostoso mesmo). Eles ficaram parados na porta escutando o batuque, Alexandre olhava e olhava, e quase não acreditava. Estava tudo lá. Uma janela dando pro mar (eles viam o sol subindo), a outra dando pro mato (a lua sumindo), a outra fechada, e a outra com a cortina listada. A cadeira que abraçava. O armário que dava roupa. O outro que dava comida. A portinha que descia pro porão.

Alexandre entrou devagarinho, espiou atrás da porta. Riu. A maleta da Professora estava lá mesmo. Gorducha. Com o desenho do garoto e da garota de mão dada. Só que tinha uma poeirinha nela toda. Vera perguntou:

— Fica chato a gente espiar dentro?

— De jeito nenhum! A gente tem mesmo que ver se tudo quanto é pacote tá aí.

Abriram a maleta. Quando Alexandre começou a contar os pacotes, a cortina listada mexeu. Os três se assustaram, o Pavão pulou pra trás.

— Que foi isso?

— Foi o vento?

Ficaram parados olhando a cortina. Depois de um tempo ela mexeu de novo.

— É o vento, é o vento, sim!

— Será?

Alexandre foi indo pra janela, pensando tudo que ele já tinha pensado que ia encontrar atrás da cortina. O coração bateu forte. E se ele não encontrava coisa nenhuma? Parou.

— Abre, Alexandre.

— Ela tá mexendo de novo.

— A gente já viu que é o vento. Abre.

— É melhor você abrir.

Mas nenhum dos dois se mexeu.

De repente, deu uma coisa no Pavão. Ele pulou, agarrou a cortina com o bico e abriu ela toda com um puxão só. Por um triz não morreu de alegria:

— Gata! — berrou.

A Gata tinha estendido a capa na beirada da janela pra fingir de cama e estava feliz da vida curtindo o sol. Foi só um segundinho pra deixar passar o susto e a surpresa; e aí pronto: a Gata e o Pavão se abraçaram até não poder mais. Ela dizia: que saudade! Ele repetia, que saudade! Ela perguntava: você tá bem? Ele repetia, você tá bem? Aí ela perguntou pro Alexandre:

— Ele continua de pensamento pingado?

— Às vezes a torneirinha abre. Mas fecha logo.

— Então tá na hora de dar um jeito nisso. — Marchou decidida pro armário branco e pediu: — Um saca-rolha, faz favor.

O armário estendeu uma gaveta que tinha abridor de garrafa, abridor de lata, saca-rolha, essas coisas. Alexandre vibrou:

— Quer dizer que o armário dá mesmo tudo que a gente pede?

— Claro que dá.

E aí Vera aproveitou pra fazer uma pergunta que ela estava louca pra fazer:

— Escuta, Gata da Capa, cadê a madrinha do Alexandre?

A Gata arregalou cada olho assim:

— Você que é o Alexandre, é?

— Sou.

— Ah, que legal! Pois olha: tua madrinha tá viajando, mas deixou a casa toda preparada esperando você chegar.

Alexandre ficou tão emocionado que nem disse nada: puxa vida, tudo preparado pra ele! e ele tinha pensado que a vida dele era furada. A Gata fez uma festinha no Pavão e disse:

— Olha, vou enfiar esse saca-rolha na tua cabeça. Fica quietinho. Se doer agüenta firme, viu?

O Pavão caiu na gargalhada: ô voz pra fazer cócega!

A Gata enfiou o saca-rolha na cabeça do Pavão. Torceu. Achou graça:

— Que cabeça molinha que você tem.

O Pavão parou de rir: aquele negócio rodando lá dentro da cabeça dele metia uma aflição danada. A ponta do saca-rolha pegou uma parte dura; a Gata se animou:

— É o filtro, é o filtro! Agora fica mais difícil de torcer. Me ajuda aqui, Alexandre.

Alexandre ajudou. Lá pelas tantas o saca-rolha empacou.

— Agora não roda mais.

— Então tá na hora de puxar. Puxa.

Mas cada vez que eles puxavam, o Pavão ia junto com o saca-rolha; não adiantava explicar que ele tinha que fazer força pro outro lado: o Pavão não entendia o que é que estava acontecendo. O jeito foi Alexandre segurar o Pavão com força, enquanto a Gata puxava o saca-rolha e Vera puxava a Gata.

De repente, o filtro saiu de dentro da cabeça do Pavão fazendo um barulho gostosíssimo, toque. A Gata nem pensou duas vezes: jogou o filtro pela janela, com saca-rolha e tudo:

— Pronto! negócio de filtro já era.

O Pavão ficou logo de olho aceso. Saiu pela casa examinando tudo, querendo saber de tudo. E aí a Gata contou pra ele o seguinte:

— Sabe? Um dia eu tô muito bem aqui sozinha quando bateram na porta. Abri.

Era um cara dizendo que tinha uma encomenda pra você.

O Pavão se espantou:

— Pra mim?

— Pois é, eu achei esquisito e disse pra ele que você não morava aqui. Mas ele falou que você estava viajando e que um dia desses ia chegar. E deixou a encomenda. Achei melhor guardar lá no porão pra não fazer bagunça aqui em cima. — E foi levando os três pro porão.

Lá embaixo tinha móvel velho, bagulho, uma cesta grande cheia de linha e de lã, almofada pelo chão, e numa parede bem em cima — tinha uma janelinha redonda e com grade pra deixar ar e luz passarem.

— Olha, tua encomenda tá aqui.

Era o baú das fantasias. E foi só o Pavão abrir a tampa que o porão todinho ficou cheirando a Carnaval. Espalharam tudo quanto é fantasia no chão; cada um se enfiou numa; brincaram de pirata, de rei, de escravo, de escravo fugindo e rei perseguindo, foi uma correria incrível pela casa. Só pararam quando Vera gritou:

— Olha lá embaixo!

O Ah estava deitado na areia, bem no lugar de onda acabar, curtindo tanto aquela praia que jogava as patas pro alto, ria, rolava pra cá e pra lá. Alexandre riu também:

— Folgado!

E aí todo o mundo quis ir pra praia também. Foi um alvoroço. O armário que dava roupa logo estendeu a gaveta de roupa de banho. O Pavão pulou pela janela, a Gata pulou atrás. Alexandre e Vera saíram pela porta azul, apostando corrida pra ver quem chegava primeiro no mar.

Nunca ninguém tinha visto uma água tão clarinha assim. Alexandre e Vera mergulhavam de olho aberto e não paravam de descobrir peixe, pedra, planta, concha. E o Pavão e a Gata não paravam de brincar na praia. Brincar e namorar. Voltaram pra casa às tantas. Morrendo de fome. Foram pra frente do armário da cozinha e ficaram esperando. E o armário firme: nem te ligo. A Gata cochichou:

— Ele tá fazendo de propósito, aposto.

E era mesmo, o armário estava brincando de meter medo na turma. Mas quando viu a cara aflita dos quatro, acabou com a brincadeira e tratou de ir dando tudo que eles gostavam de comer.

Vera arrumou um prato caprichado e foi correndo se jogar na cadeira de braço

pra almoçar à vontade. A cadeira não conversou: encolheu as pernas e derrubou Vera no chão. Foi comida pra todo lado. O Pavão viu logo que a cadeira não tinha gostado de Vera ir tomando conta dela sem um carinho sem nada. Então chegou perto da cadeira, fez festinha nela, perguntou se ela não se incomodava dele dar uma sentadinha, e mal subiu na cadeira perguntou se ela queria uma pena de presente. A cadeira ficou tão feliz que abraçou o Pavão. Vera adorou ver uma cadeira carinhosa assim; desatou abater palma. E o Pavão — que agora estava pensando normal, igualzinho a tanta gente — achou logo que as palmas eram pra ele e fez cara de modéstia:

— Obrigado.

Triiiiiiiiiim. Os quatro estavam no meio do almoço quando a campainha tocou. Foi um susto tão grande — deles, do relógio, dos armários, da cadeira, da casa toda — que foi um tal de um olhar pro outro, e de outro pra porta, e da porta olhar pra janela, e da janela olhar pro porão, e do porão olhar pra porta que — triiiiiiiii-

iim — a campainha tocou mais comprido ainda.

— Será que é a minha madrinha que voltou de viagem?

— Será?

Mas a madrinha tinha chave, não ia tocar assim.

A Gata foi na pontinha do pé ver se dava pra ver qualquer coisa na fresta da porta. Não deu. Cochichou:

— Quem é que pode ser? Nunca aparece ninguém por aqui.

Triiiiiiiiiiiiiim. Um olhou pro outro, o outro olhou pra Alexandre, e Alexandre então foi até a porta e abriu. Um pedacinho só: lá dentro estava uma cortiça, não ia abrir a porta todinha pra um chato qualquer entrar. Ficou olhando, nem podendo acreditar. E aí a porta azul abriu toda pra deixar o Augusto passar.

— Você voltou de São Paulo! — Alexandre berrou. — Até que enfim você voltou, você voltou, você voltou! — E toca a abraçar o Augusto, e apresentar ele pra todo o mundo, e abraçar mais um pouco, e, quando o abraço acabou, o Augusto sentou e começou a contar da viagem, de São Paulo, da fábrica, de tudo que tinha visto por lá. De vez em quando Alexandre interrompia pra mostrar pro irmão uma porção de coisas que ele não tinha tido tempo de ver daquela outra vez.

— Você não teve tempo de ver o porão, lembra? E a cortina listada também, você não teve tempo de abrir. Olha o que a gente encontrou atrás dela. (A Gata piscou pro Augusto.) Você não teve tempo de ir na floresta, lembra?

— O que é que você encontrou lá?

— A gente também ainda não teve tempo de ir.

— Então vamos já!

Todo o mundo saiu correndo. E na floresta foi um tal de descobrir caminho, gruta, cascata, cada árvore que não tinha mais tamanho, com cada passarinho grande assim, foi um tal de descobrir tanta coisa, que, quando eles pararam pra descansar um pouco, já viram que o sol ia sumindo. Mas não voltaram, não: tinha um rio que era uma delícia, cheio de pedra dentro; e eles então foram andar no rio, andaram um tempão, pulando de pedra pra pedra, sem nem molhar o pé. Só largaram o rio quando ficou bem de noite. E aí, a lua clareou o caminho e eles voltaram.

Alexandre foi sentindo uma saudade danada das histórias que Augusto contava; mal entrou em casa, pediu:

— Conta história pra gente, Augusto, conta.

Augusto deitou no tapete; a turma deitou em volta dele; o Ah enfiou a cara pela janela; até a cadeira de braço se espichou toda pra escutar mais gostoso. E Augusto contou cada história boa mesmo. Mal acabava uma, já pediam: mais! e ele inventava outra. Inventou até todo o mundo dormir. E aí virou pro lado e dormiu também.

A casa da madrinha ficou em silêncio. Ficou muito tempo em silêncio. Mas de repente, o relógio de pé tomou um susto: lembrou que desde que a turma tinha chegado ele não tinha batido mais hora. Com tanto movimento, tanto entra-e-sai, tanta história, ele tinha se esquecido completamente da vida. Afobou. Não lembrou mais que horas eram. Desatou a bater tudo atrapalhado.

Foi só o relógio começar abater, que Vera acordou num pulo: "que horas são?!" Olhou o relógio de pé. Ele mexia os ponteiros pra baixo e pra cima, não parava em lugar nenhum, estava numa atrapalhão medonha. Vera olhou o relógio de pulso; tirou a folha que tapava o mostrador. O relógio estava parado. Ela levantou aflita, o coração batendo assustado, a que horas o relógio tinha parado? Lembrou dos relógios todos de casa. Será que tinham parado também? Se não tinham, a mãe e o pai deviam andar atrás dela. Há quanto tempo? Será que era hora de jantar, de ir pra escola, de... ai! Ela tinha que ir embora depressa, correndo! Já ia acordando Alexandre quando se assustou com outro pensamento: e se Alexandre depois não acertava o caminho pra voltar? Ficou parada pensando. O relógio continuava batendo adoidado, não chegava a uma conclusão. Vera então teve uma idéia: "E se eu vou embora devagarinho pra não fazer barulho e ninguém acordar? E se eu fecho a casa e prendo Alexandre aqui dentro, pra ele ficar aqui toda a vida, curtindo essa curtição? Com o Augusto perto dele, o Pavão sempre pensando

normal, a Gata da Capa pra papear também, fora o resto todo que tem aqui?"

A vontade de prender Alexandre na casa da madrinha foi aumentando, aumentando. Vera foi fechando as janelas com cuidado; fez psiu pro relógio pra ele parar de procurar hora; chegou junto da janela empenada e pediu baixinho:

— Diz pras tuas irmãs empenarem que nem você. Até Alexandre esquecer o caminho de volta. Por favor, sim? — E foi indo embora na ponta do pé. Trancou a porta azul. Guardou a chave dentro da flor. Encontrou o Ah dorminhocando atrás da casa, e foi só ele acordar que já se abaixou pra ela subir, upa! E Justinho nessa hora a janela empenada abriu. E abriu com tanto barulho que todo o mundo acordou.

História da janela empenada

Ela gostava de ser importante, ela adorava coisa de luxo, ela queria se exibir; ela era uma árvore. Bonita mesmo. Dava uma flor vermelha, todo o mundo dizia: "que beleza!", e ela estendia os galhos pra se exibir ainda mais.

Mas botaram ela abaixo. Foi pra uma serraria suja, poeirenta. Virou tábua, ficou jogada num canto, ninguém mais prestava atenção nela, caiu na fossa. Empilharam um monte de tábuas em cima dela, que fossa! Uma bela manhã resolveram: vamos fazer porta com essas tábuas. Porta grãfina. De apartamento de luxo. No Rio de Janeiro. Com vista pro mar.

Quando ela ouviu falar que ia morar em apartamento grãfino saiu da fossa. Gostou de ser porta. Achou que porta tinha mais "status" do que janela, prateleira, taco pro chão — esse pessoalzinho. Esperou. Esperou. Mas era a última da pilha. Esperou tanto que deu bicho nela: cupim. Onde o cupim mordida ela ia virando pó. Virou tanto pó que não serviu mais pra porta. Caiu na fossa.

Uma bela tarde cortaram e colaram ela toda, ela virou janela. Resolveram que ela ia ser janela na casa de uma rua bem movimentada. Um bocado de gente ia passar na rua, ia olhar pra ela. E quando ela soube que ia ser muito olhada saiu da fossa.

Mas chegou um helicóptero na serraria com um recado da madrinha: precisava de quatro janelas pra casa que estava fazendo; tinha pressa.

E lá se foi ela com mais três janelas que também já estavam prontas. Achou genial andar de helicóptero. Mas quando viu a casa da madrinha caiu na fossa: era um lugar sossegado demais. Amarrou a cara. Uma tromba desse tamanho! E resolveu que queria ser janela dando pra frente: pelo menos, quem chegava na casa olhava logo pra

ela; ou então dando pro mar: era bonito de olhar; ou então dando pra mata: quem sabe ela descobria no meio de tanta árvore alguma amiga de antigamente? Quando o carpinteiro viu aquela janela tão trombuda, nem pensou duas vezes: botou ela pra trás — não dando pra nada. Aí ela emburrou pra valer. Emburrou com tanta força que empenou. E nunca mais abriu. E daí pra frente virou uma chata: a única coisa que ela curtia era a chateação dos outros.

Cada vez que faziam força pra ela abrir e não conseguiam, ela ria baixinho (a risada dela era que nem barulho de madeira estalando). Cada vez que a cadeira de braço jogava alguém no chão ela espremia uma gargalhada. Cada vez que alguém não conseguia fazer o que tinha vontade, ela vibrava. E quando ela viu Vera indo embora de mansinho, fez força, quase morreu de fazer força, deu uma desempenada e abriu com aquele barulhão. Só pra deixar Vera aflita; só pra chatear. Abriu, riu, e ficou espiando o que é que ia acontecer.

Foi só a janela empenada abrir que todo o mundo acordou. Vera afobou:

— Anda, Ah! Anda, anda!

Mas quem diz que o Ah andava? Ele não sabia dos planos de Vera, achou que tinha que esperar Alexandre também.

— Mas anda de uma vez! desempaca!

Alexandre enfiou a cabeça na janela:

— Onde é que você vai, Vera?

— Tô indo m'embora, tchau.

— Sozinha assim?

— Sozinha sim, tchau. Mas desempaca de uma vez, cara!

— Ah, essa não! Você vai ter que atravessar o escuro, vai ficar com medo de novo, eu vou com você. Vem com a gente, Augusto.

— Ah, eu também quero andar a cavalo — berrou a Gata. — Vamos, Pavão?

— Com você eu vou pra qualquer lugar.

E todo o mundo pulou a janela. Vera apertava a barriga do Ah pra ver se ele ia embora antes da turma subir:

— Eu quero ir sozinha, Alexandre. Por favor, fica aqui: depois você é capaz de não saber voltar.

— Claro que eu vou saber. — Pulou pra cima do Ah.

Num vôo, o Pavão já estava atrás de Alexandre; a Gata pulou e se agarrou no Pavão; e foi só o Augusto montar que, pronto: o Ah saiu galopando adoidado, nem deu

tempo de Vera falar mais nada.

Morro de flor, praia, mata, num instantinho ficou tudo pra trás. A estrada iluminada pela lua cor de abóbora também passou tão depressa que mal deu tempo de olhar. E quando Vera pensou que eles iam entrar no escuro, ela viu acerca chegando. Alta, cheia de espinhos, feia. "Ué, por que que não tem mais escuro antes da cerca?" Alexandre pensou a mesma coisa, todo o mundo se agarrou com força um no outro com medo do Ah não poder dar um pulo tão alto. Mas ele deu. Um pulo que foi um voo. Pra cair de novo no sítio onde o pai de Vera plantava flor.

Foi só o Ah bater no chão que a luz sumiu. Igualzinho como da outra vez. Alexandre se espantou:

— O escuro mudou de lado. — Mal acabou de falar começou a sentir a sensação das pernas encolhendo, do Ah desaparecendo. — Você também tá sentindo que o Ah tá desinventando, Vera?

— Tô.

— E você, Augusto?

— Augusto não respondeu. Alexandre chamou alto:

— Augusto! Ei, Augusto! — (Nada.) — Responde, Augusto! — (Mas o Augusto não respondia.) — Augusto, onde é que você tá?

E aí o Pavão perguntou:

— Alguém viu a Gata da Capa por aí?

Alexandre achou esquisito aquele jeito do Pavão falar. Chamou:

— Gata! Gata da Capa! — (Nada.) — Augusto! Gata!

Mas nenhum dos dois respondia. Vera não perdeu tempo: ainda tinha um pedaço de giz. Desenhou de novo a porta, a maçaneta, a chave, foi tudo ficar pronto que ela abriu a porta e os três saíram do escuro. Estavam no mesmo lugar onde ela e Alexandre, em vez de se despedir, tinham inventado o Ah. Se olharam, olharam o Pavão. Ele estava outra vez com a cabeça meio desabada, o olho de sono, e quando Alexandre perguntou: "Cadê a Gata da Capa, Pavão?", ele respondeu: "Cadê a Gata da Capa?" E aí suspirou tremidinho, experimentou uns passos, e quando deu de cara com um sapo quase morreu de susto.

Vera estava na maior aflição:

— Eu tenho que ir embora, Alexandre, eu acho que eu tô fora de casa há um tempão! Meu pai e minha mãe devem estar num nervoso daqueles. Eu não posso mais ficar, eu tenho que ir.

— Tá bom, então vai.

— Mas e o Augusto? onde é que ele está?

— Bom, ele nunca teve vontade de andar a cavalo, pra falar a verdade eu até fiquei espantado quando ele veio com a gente. Na certa ele se chateou no caminho e caiu fora.

— E a Gata?

— Deve ter voltado com ele: galope é o tipo do troço que gato não gosta.

— Quer dizer que você voltando você encontra com os dois?

— Na certa.

— Então volta logo, chama o Ah. — E começou a chamar:

— Ah, Ah, Ah!

— Não é assim, Vera, quando a gente chama assim ele não aparece. Deixa que eu chamo, você tá com pressa, vai logo pra casa.

— E se você chama e ele não vem?

— Vem, sim.

— E se ele não vem, como é que você volta?

— Ué, volto a pé: a gente atravessa o escuro, pula a cerca e pronto. Eu não tenho mais medo de escuro.

— Mas a cerca é tão alta! você não vai conseguir pular, você vai precisar do Ah.

— Não tem problema, vai!

Nessa hora Vera viu o pai e a mãe lá longe, chegando no sítio. Será que eles andavam atrás dela há muito tempo? Saiu gritando:

— Tô aqui! tô aqui! — Correndo e gritando. E virando pra trás pra ir dando tchau pra Alexandre. Deu a maior topada numa árvore. Mas fingiu que nem tinha doído e foi em frente.

O dia estava recém-clareando. Mas há muito tempo Vera já estava acordada. Só tinha dormido um pedaço de noite à-toa — justinho um pedaço cheio de sonhos ruins: a cerca era cada vez mais alta; o Ah cada vez mais desinventado; a Gata e o Augusto sumidos pra sempre. E aí pronto, não teve mais jeito de pegar no sono.

Lá pelas tantas: rrrrr — um barulhinho na janela. Assim como uma unha arranhando a madeira. Mas bem de leve. Vera ficou escutando. Rrrrrr — o barulho de novo. De repente, ela pulou da cama: estava apostando que era Alexandre!

Era. Ele e o Pavão. E o sol já nascendo forte, pelo jeito ia ser um dia quente.

— Oi.

— Oi.

Aquilo nem era oi; era sopro — de tão baixo que eles falavam. Alexandre foi soprando:

— Não deu mais pé. Fiz tudo. Não adiantou. É difícil demais pular a cerca; não deu. Se fosse só eu ainda era capaz de dar. Mas o Pavão não consegue. De jeito nenhum.

— E o Ah!

— Fiz tudo também pra inventar ele de novo, mas sei lá! Ele não sai, não aparece mais.

Aí o pavão falou alto, do jeito que ele falava sempre:

— Não aparece mais.

Alexandre e Vera se assustaram:

— Psiu!

Ficaram sem dizer nada. Será que alguém tinha escutado! Mas a casa toda estava quieta. Só lá fora é que ia tudo acordando: passarinho, cachorro, gato, gato sem capa... Vera perguntou:

— E agora?

— Tô indo m'embora. Vou mesmo pela estrada. Se eu for seguindo toda a vida eu acabo chegando lá na casa da minha madrinha.

— Mas... — a fala trancou.

— Quê? Fala.

— É que... sei lá, toda a vida é tão comprido.

Se olharam assustados. O Pavão deu uma tremidinha de penúltima pena e ficou procurando no chão uma coisa de comer.

— Você me escreve quando chegar na casa da madrinha, escreve?

— Escrevo. Deixa eu botar aqui teu endereço. — Abriu a caixa pra pegar o lápis:

— Ué.

— Que é?

Alexandre ficou olhando pra dentro da caixa. E aí, riu de contente:

— Olha a flor amarela que enfeitava o peito da porta azul. Como é que ela veio parar na minha mala? Foi você que botou ela aqui?

Vera olhou a flor; olhou Alexandre; "por que será que ele tá achando que a flor que eu botei na mala é a flor que enfeitava a porta azul? essa alam anda é muito menor..."

Alexandre enfiou a mão na flor pra pegar a chave da casa.

Vera pensou: pronto, agora ele vai ver que é uma outra flor.

Alexandre pegou a chave e guardou no bolso:

— Que legal! Agora vou viajar com a chave da casa no bolso; não vou ter mais problema nenhum. Lembra do que o Augusto falou?

Vera ficou olhando pra flor sem entender.

— Não lembra não, Vera? Eu te contei. Ele disse que no dia que eu botasse a chave da casa no bolso, o medo não ganhava mais de mim. — Riu. — Já pensou? Agora eu posso viajar toda a vida. Quando o medo bater eu ganho dele e pronto.

O Pavão também riu:

— E pronto.

— Diz aí teu endereço.

Vera ditou devagar; a testa franzida; o olho indo de Alexandre pra flor.

Ele escreveu o endereço na tampa da mala e guardou o lápis:

— Eu te escrevo assim que chegar.

Se abraçaram. Forte, depressa.

Alexandre pendurou a mala no ombro e foi andando; o Pavão emparelhou com ele. Foram sumindo e sumindo; e aí sumiram de vez numa dobra do caminho.